

Universidade do Algarve

**O jogo e a timidez em crianças em idade pré-
escolar**

Regina Feliciano Valente

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar para obtenção
do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob orientação de:

Doutora Vanda Isabel Tavares Correia

Doutora Elsa Cristina Sacramento Pereira

Faro, 2014

Universidade do Algarve

**O jogo e a timidez em crianças em idade pré-
escolar**

Regina Feliciano Valente

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar para obtenção
do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob orientação de:

Doutora Vanda Isabel Tavares Correia

Doutora Elsa Cristina Sacramento Pereira

Faro, 2014

O jogo e a timidez em crianças em idade pré-escolar

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referência incluída.

Regina Feliciano valente

Copyright - Regina Feliciano valente Universidade do Algarve. Escola Superior de Educação e Comunicação.

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Aos meus dois anjos da guarda que, onde quer que estejam, me acompanham sempre.

Agradecimentos

No momento em que esta caminhada está prestes a chegar ao fim, e reflito o quão difícil e desafiante foi chegar até aqui, apercebo-me de que nunca estive sozinha e que algumas pessoas, desde o início, me demonstraram o seu carinho e estiveram presentes em todos os momentos, demonstrando o seu apoio. Por este motivo, não podia deixar de agradecer:

- Às minhas orientadoras, Doutora Vanda Correia e Doutora Elsa Pereira por terem aceitado orientar este estudo; por todos os conselhos que me facultaram; pela exigência desde o início, que fez com que eu desafiasse as minhas capacidades e crescesse a nível pessoal e profissional; por todas as palavras de encorajamento e pela orientação competente e entusiasmante;
- À minha Mãe, pelo seu apoio incondicional, pelas palavras encorajadoras e pelo esforço que fez para que eu pudesse concluir os meus estudos;
- Ao Fábio, por ser a pessoa especial que é na minha vida, pela confiança que deposita nas minhas capacidades e pelo apoio prestado nos momentos certos;
- Às minhas primas, que durante este percurso compreenderam as minhas ausências e não deixaram de me apoiar e incentivar;
- À minha família, por contribuírem para que fosse a pessoa que sou e por torcerem por mim;
- À Instituição que nos abriu as suas portas e permitiu que o estágio e o relatório se concretizassem;
- À Educadora cooperante, pelas palavras de incentivo desde o início desta caminhada; pela partilha de conhecimentos;
- Ao grupo de crianças que nos acolheu, por contribuírem para a realização deste relatório, mas acima de tudo, por nos terem feito crescer a todos os níveis;
- À nossa auxiliar de ação educativa e nossa cúmplice durante todo o percurso;
- Aos Encarregados de Educação que se disponibilizaram e contribuíram para a realização do estudo;
- Às minhas três colegas e amigas, Inês Gonçalves, Sónia Fernandes e Vera Salvador, por todos os momentos, por todas as palavras reconfortantes e pelo companheirismo demonstrado;
- À Adriana Pires, pelas suas palavras de encorajamento no início desta caminhada;
- À doutora Teresa pelos desabafos e pelas generosas palavras de apoio;
- Ao Sr.º Rui Duarte, técnico responsável dos audiovisuais, por toda a cooperação prestada na produção da videogravação;

A todos, o meu muito obrigado!

Resumo

O presente relatório incide sobre o jogo e a timidez em crianças em idade pré escolar e desenvolveu-se no âmbito da prática de ensino supervisionada (PES), que decorreu num jardim de infância em Faro, junto de um grupo de 14 crianças com idades compreendidas entre os 5 e 6 anos.

No presente estudo, de cariz quantitativo, tivemos como principal objetivo identificar e comparar o comportamento de crianças com diferentes graus de timidez em situação de jogo. Assim, a timidez foi medida tendo por base as respostas dos respetivos encarregados de educação à versão *short* do questionário *Children Behavior Questionnaire* (CBQ). Para analisar e identificar o comportamento das crianças com diferentes graus de timidez em situação de jogo, recorremos à implementação de uma sessão didática e posterior observação da gravação efetuada à mesma.

As principais conclusões que ressaltam deste estudo são que as crianças com diferentes graus de timidez, consoante a situação de jogo em que se encontrem (mais ou menos condicionada) revelam comportamentos distintos. Na fase menos condicionada, o grupo com menor grau de timidez foi o único que apresentou a categoria de comportamento “Procurou a ajuda do adulto”, enquanto que no grupo com maior grau de timidez essa categoria não foi evidente. Relativamente à fase com mais condicionamentos, verificámos que o grupo com maior grau de timidez é aquele que apresenta maiores valores na categoria de comportamento “Parou de correr”, comparativamente com o grupo com menor grau de timidez.

Palavras-chave: educação pré-escolar; comportamento; jogo; timidez

Abstract

The current report reflects about gaming and shyness in children in pre-scholar age and was developed within the practice of supervised teaching (STP), that occurred on a kindergarden in Faro, closely on a 14 children group with ages between 5 and 6 years.

In the current study, quantitative in nature, we had as main objective to identify and compare the children behaviour with different degrees of shyness in gaming situations. As such, shyness was measured having as basis answers from the respective adults in charge of their education to the *short* version of the *Children Behaviour Questionnaire* (CBQ). To analyse and identify the children behaviour with different degrees of shyness in gaming situations we resorted to the implementation of a didactic session and posterior observation of a recording done of that session.

The main conclusions that come out of this study are that children with different degrees of shyness, according to the game situation in which they stand (more or less conditioned) reveal distinct behaviours. Namely, in the less conditioned stage, the group with less amount of shyness was the only that has shown the behaviour category “Searching for adult help”, while the group with higher level of shyness did not show evidence of that particular characteristic. Relatively to the stage with larger amounts of conditioning, we noticed that the group with larger degree of shyness when compared with the group with lesser shyness degree, is the one showing higher values in the behaviour category “Stopped running”.

Keywords: pre-scholar education, behaviour, gaming, shyness

Índice Geral

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract	v
Introdução.....	1
Capítulo 1 – Enquadramento teórico.....	4
1.1 A importância do jogo na educação pré-escolar.....	4
1.2 Construção da Personalidade.....	6
1.2.1 Personalidade e temperamento	6
1.2.3 Características e consequências da timidez nas crianças	8
Capítulo 2 – Metodologia.....	16
2.1 Natureza do estudo	16
2.2 Questões do estudo	16
2.3 Objetivos do estudo	16
2.4 Participantes.....	17
2.5 Desenho Experimental.....	17
2.6 Procedimentos e instrumentos de recolha de dados	18
2.6.1 Inquérito por questionário.....	19
2.6.2 Observação.....	21
2.7. Procedimentos de análise de dados	25
2.7.1 Análise da timidez.....	25
2.7.2. Análise do comportamento	26
Capítulo 3 – Apresentação e discussão dos resultados	27
3.1 Apresentação dos resultados	27
3.1.1 Resultados	27
3.1.1.1 Grupos de timidez	27
3.1.1.2 Comportamentos da criança em jogo	27

3.1.1.2.2 Comportamentos da Fase 1.....	28
3.1.1.2.3 Comportamentos Fase 2	29
3.2 Discussão dos resultados	31
Conclusões finais.....	34
Referências Bibliográficas	37
Apêndice.....	40
Anexos.....	41

Tabela 1 - Excerto do quadro das Escalas e Itens do questionário CBQ baseado em Almeida (s/d).....	21
Tabela 2 - Dados da amostra referentes aos resultados do CBQ	27

O jogo e a timidez em crianças em idade pré-escolar

Grelha 1 - Grelha de observação da sessão didática..... 23

O jogo e a timidez em crianças em idade pré-escolar

Figura 1 - Média e desvio-padrão das interações e comportamentos realizados pelas crianças durante o aquecimento 28

Figura 2 - Média e desvio-padrão das interações entre pares existente entre as crianças e o adulto durante a realização do jogo 30

Apêndice 1 - Pedido de colaboração dirigido aos Encarregados de Educação 40

O jogo e a timidez em crianças em idade pré-escolar

Anexo 1 – Questionário CBQ	41
Anexo 2 - Escalas e itens do CBQ baseado de Almeida (s/d).....	46

Introdução

O presente relatório denomina-se “O jogo e a timidez em crianças em idade pré-escolar”, e foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), que decorreu durante o ano letivo de 2013/2014.

O tema deste relatório surgiu a partir de motivações pessoais e também através de motivações provenientes da prática pedagógica que foi desenvolvida durante a PES com um grupo de crianças de cinco anos de idade, num jardim de infância privado, localizado no distrito de Faro. Assim, esta temática vai ao encontro dos interesses profissionais, uma vez que no decorrer da PES constatei que existiam algumas crianças tímidas no grupo, tornando-se difícil que estas participassem na maioria das atividades. Os outros fatores que motivaram e contribuíram para que esta investigação incidisse sobre este tema, foram o fato da psicomotricidade ser dinamizada pela educadora cooperante e pela importância que é atribuída a este domínio na instituição onde decorreu a prática e pelo fato da educadora cooperante ter demonstrado que na sua prática pedagógica dá primazia a abordagens que envolvam a componente lúdica e que incentivem as crianças a exporem as suas ideias.

Deste modo, propusemo-nos a desenvolver um relatório de investigação que se centrasse em duas temáticas (jogo e timidez), nomeadamente, que se focasse em identificar e comparar o comportamento das crianças com diferentes graus de timidez em situação de jogo.

Como refere Gesell (1979) “a organização básica da personalidade efetiva-se nos primeiros cinco anos de vida”. Nesta linha, a formação da personalidade ocorre durante os primeiros anos de vida das crianças e é imprescindível que o educador de infância esteja consciente da sua importância no desenvolvimento da personalidade e na aquisição de competências sociais das crianças, deste modo, é imprescindível abordar a temática da timidez na infância porque a maior parte dos problemas que este tema acarreta desenvolvem-se nesta idade. Se os educadores estiverem sensibilizados para estas questões, poderão intervir neste sentido e incentivar as crianças a desenvolver as suas capacidades sociais.

Segundo Spodek (2002, p. 121), “é na infância que surgem as primeiras formas rudimentares de sociabilidade entre pares”. De fato, a infância constitui-se como a fase em que se formam veículos afetivos importantes e onde se deve promover a interação e a sociabilidade de todas as crianças.

O espaço escolar deve ser, por excelência, um lugar onde as crianças se sintam seguras e sobretudo que lhes transmita confiança, para que, deste modo, possam desenvolver as suas aprendizagens e competências sociais na íntegra. Caso contrário, este espaço, pode tornar-se

inibitório e as crianças comprometem as suas competências sociais e o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento (Alencar, 2007; Carvalho 2006). Neste sentido, as escolas tornam-se assim “(...) ótimos esconderijos para as crianças tímidas se os professores não perceberem que elas estão a fugir à participação, e que não são apenas alunos agradavelmente passivos” (Zimbardo, 2002, p. 76).

O educador durante a sua prática pedagógica deve tentar encontrar estratégias que envolvam todos os alunos, inclusive, os mais tímidos, pois tal como indica Felix & Filho (s/d), “o processo de superação da timidez envolve vários intervenientes, mas neste âmbito, importa realçar o papel do educador enquanto mediador de todo o processo”.

Além disso, o educador deve estar consciente de que o seu papel passa também por proporcionar situações em que as crianças tímidas desenvolvem as suas competências sociais para que consigam relacionar-se com todas as pessoas que a rodeiam e que não tenha receio de expor as suas ideias/opiniões (Santos & Suze, 2001). É nesta perspetiva que o jogo assume um papel fundamental no desenvolvimento das crianças pois este, além de fazer parte do instinto natural da criança, pode ser considerado um importante instrumento pedagógico uma vez que possibilita o desenvolvimento integral em todas as áreas, quer seja motora, social, afetiva, entre outras (Marques, 2014).

A timidez apresenta-se como um fenómeno que acarreta algumas consequências para o desenvolvimento das crianças. Assim, as principais consequências desta incidem sobre as competências sociais e comunicacionais, nomeadamente, na dificuldade de falar com clareza e comunicar com eficácia. A timidez associa-se a diversos sentimentos negativos como a ansiedade, a solidão e a depressão. Para além disso, as pessoas tímidas possuem mais dificuldade em conhecer pessoas novas e fazer amizades (Zimbardo, 2002), o que pressupõe que se mantenham mais vezes isoladas do que as outras crianças. Neste sentido, Carvalho (2006), indica que “o isolamento social na infância deve ser alvo de atenção pois representa um padrão de respostas bastante inibidor da aquisição de comportamentos adaptativos e pode provocar problemas de ajustamento durante todo o ciclo de vida” (p.1).

A pesquisa bibliográfica realizada sobre o tema revelou que os estudos existentes não incidiam sobre a faixa etária em estudo e não relacionavam as duas temáticas em questão: timidez e jogo.

Torna-se essencial compreender que as consequências destas problemáticas afetam também outros domínios de desenvolvimento das crianças. Desta forma, “as crianças socialmente isoladas poderão estar em risco na aquisição da linguagem, valores morais e modo

expressar sentimentos de agressividade (...), o que significa que não se trata apenas de uma dimensão social, sendo também importante noutros domínios” (Carvalho, 2006, p.1).

Como já foi referido anteriormente, a investigação foi desenvolvida com o objetivo de identificar e comparar o comportamento das crianças com diferentes graus de timidez em situação de jogo. De forma a respondermos ao objetivo e às questões orientadoras, elaborámos uma investigação exploratória de cariz quantitativo, que se desenvolveu a partir da aplicação de questionários, da realização de uma tarefa experimental e da observação da vídeo-gravação da mesma, sendo que os dados foram analisados através de estatística descritiva.

A estrutura do presente relatório é composta por três capítulos. Assim, no primeiro capítulo expomos uma breve revisão da literatura, na qual apresentamos algumas das teorias e estudos realizados no âmbito da timidez e do jogo na educação pré-escolar. Neste capítulo, são ainda apresentados conceitos associados ao jogo, bem como a sua importância no desenvolvimento da criança; conceitos relacionados com a timidez e as suas consequências, assim como também a relação entre o jogo e a timidez nas crianças.

O segundo capítulo enuncia a metodologia utilizada na realização do estudo, onde constam, a natureza do estudo; as questões de pesquisa; os objetivos do estudo; os participantes; e, por fim, os procedimentos e instrumentos utilizados na recolha e análise dos dados.

O terceiro capítulo, destina-se à apresentação e discussão dos resultados, sendo que, primeiramente analisamos os dados oriundos dos questionários aplicados aos encarregados de educação das crianças em estudo e os dados provenientes da observação realizada através da videogravação. Posteriormente, efetuamos a discussão dos resultados obtidos tendo por base a revisão da literatura e outros estudos relevantes.

Concluimos o presente relatório com as conclusões finais onde expomos as principais conclusões procedentes do estudo, os limites e relevância, o contributo deste trabalho em termos pessoais e profissionais, bem como as pistas para investigações futuras.

Capítulo 1 – Enquadramento teórico

Neste capítulo apresentamos uma pequena revisão da literatura e abordarmos alguns temas relacionados com a temática em estudo. No que se refere ao jogo, explanamos sobre a importância do jogo na educação pré-escolar, jogos cooperativos e a timidez. No que à timidez diz respeito, abordamos a construção da personalidade, os traços de personalidade, personalidade e temperamento e, finalmente, a timidez nas crianças.

1.1 A importância do jogo na educação pré-escolar

“O jogo, necessidade natural de desenvolver as possibilidades motoras em todas as idades, é a própria expressão da vida infantil (...)”
(Bergeron, 1982, p.111)

No quotidiano da criança, o jogo assume um papel primordial, uma vez que se constitui como um dos aspetos centrais do seu desenvolvimento. Podemos referir que “o jogo, é assim, o centro da infância (...)” Chateau (1987, p.15). Enquanto joga, a criança desenvolve-se a nível motor, mas também desenvolve competências sociais, adquire regras e valores, entre outros. Desta forma, o jogo constitui-se como um potenciador de aprendizagens e um instrumento essencial na prática pedagógica dos educadores, em todas as áreas de conteúdo. É neste sentido que Pessanha (2003) citado por Serrão & Carvalho (2011, p. 8), refere que o educador deve pensar nos aproveitamentos pedagógicos, de forma a motivar as crianças na exploração dos jogos. Ou seja, através da exploração do jogo, quando o educador promove estratégias diversificadas e significativas para potencializá-lo nas salas de educação pré-escolar, o processo de ensino-aprendizagem acontece.

Também Elena Yudina (2009), baseada nas ideias de Vigotsky, enumera o jogo como meio indispensável para o desenvolvimento das competências sociais e comunicativas, a imaginação, a auto-regulação e motivação para a aprendizagem da criança.

Segundo Neto (1998) citado por Duarte (2009, p. 4), “o jogo é uma das formas mais importantes do comportamento humano, desde o nascimento até à morte, sendo essencial na formação da sobrevivência e no processo de desenvolvimento do homem”. No processo de formação dos indivíduos podemos incluir o desenvolvimento das suas capacidades sociais e de interação, que se formam também enquanto o indivíduo joga, assim, “é importante compreendermos que existe uma relação estreita e inseparável entre o jogo e a socialização, sendo extremamente importante nas relações entre os «pares»” (Duarte 2009, p. 2).

Como podemos depreender pelos parágrafos anteriores, como a criança, em idade pré escolar está a desenvolver o seu processo de aquisição de competências e habilidades sociais e motoras, o jogo tem um papel dominante uma vez que a interação social é um dos aspetos que se desenvolve a partir do jogo. Assim, o jogo permite que exista interação entre todos os jogadores e entre o mediador, neste caso o educador de infância. Por esta razão, “o jogo pode ser utilizado como uma estratégia de aproximação educador-criança e entre as crianças, favorecendo as relações interpessoais” (Serrão, 2009, p, 36) e possibilitando ainda ao educador “(...) obter informações sobre o desenvolvimento e o comportamento social e individual das crianças, os seus interesses e necessidades e, ainda sobre as ideias em relação ao mundo onde vivem” (Serrão & Carvalho, 2011, p.1).

Serrão & Carvalho (2011), procuraram conhecer as conceções dos educadores de infância sobre as potencialidades do jogo no desenvolvimento da criança. O estudo consistiu na realização de inquéritos a 17 escolas básicas do 1.º ciclo com pré-escolar. Após a elaboração do questionário, foi necessário realizar um estudo piloto para o testar. A versão do questionário é composta por 18 questões, que se dividem em 3 partes: a 1ª parte diz respeito às informações socioprofissionais tais como a idade, o sexo, o tempo de serviço, situação profissional, habilitação académica e idade do grupo de crianças; na 2ª parte encontram-se itens com frases sobre as potencialidades do jogo nas áreas de atividades, no desenvolvimento da criança e nas áreas de conteúdo das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar [OCEPE]; por fim, na 3ª parte, os itens destinam-se a identificar a prática pedagógica dos educadores de infância, designadamente, se têm um modelo curricular como suporte de sustentação na sua prática pedagógica, se o jogo faz parte da sua planificação nas áreas de conteúdo, quais as estratégias utilizadas no âmbito do jogo, nas áreas de atividades e o grau de importância que é atribuída à planificação do jogo nas diferentes áreas de desenvolvimento e quais os tipos de jogos planificados. A amostra foi composta por 54 educadores, todos do sexo feminino. Os resultados demonstraram que as educadoras acreditam que o jogo dispõe de grande valor educacional, quer seja na vertente educativa, quer seja na vertente lúdica e que contribui na promoção do convívio social e da aprendizagem colaborativa, sendo que 67% das inquiridas referiu que utilizam o jogo proporcionar momentos de concentração e socialização e 58% utilizam jogos simbólicos e cooperativos (Serrão & Carvalho, 2011).

Os autores referidos anteriormente, apontam que quando se pretende que haja maior participação e a interação das crianças nas atividades, o jogo apresenta-se como uma das possíveis estratégias a adotar.

Uma vez que os comportamentos característicos das crianças tímidas são o isolamento social, a apreensão perante pessoas e situações novas, falar menos do que as outras crianças, entre outros, é necessário ter em consideração o tipo de jogos que se realizam de modo a que enquanto a criança jogue não acentue estes comportamentos, mas sim que sinta vontade de jogar. Assim, os jogos cooperativos revelam ser um do tipo de jogo possível de realizar nestas circunstâncias, pois tal como afirmam Felix & Filho (s/d, p. 3), “os jogos a serem utilizados com finalidade de sociabilizar as crianças e torná-las menos tímidas são os jogos cooperativos que deem ênfase ao coletivo e não ao aluno que mais se destaca”, de forma a evitar que a criança se sinta o centro das atenções e se exclua automaticamente. Como sabemos, os jogos cooperativos tem por base a cooperação entre todos os jogadores e não a competição, como os jogos competitivos, que por sua vez incidem sobre o ganhar e perder. Visto que a criança tímida sente dificuldade em estar à vontade, num jogo competitivo poderia ter dificuldades em ganhar e isso faria com que se isolasse. Deste modo, quando a expressão físico-motora tem por base jogos que permitam a valorização do grupo e de cada criança na escola, impossibilita que a timidez constitua um aspeto central nas suas vidas (Felix & Filho, s/d).

1.2 Construção da Personalidade

O bebé desde que nasce, vai interagindo com vários indivíduos e estabelece assim relações. A primeira relação que este estabelece é com os pais, sendo estes, os primeiros a modelar a personalidade da criança. Posteriormente, a escola desempenhará também um papel fundamental na formação da personalidade das crianças.

A construção da personalidade ocorre também através da influência do meio, o que significa que consoante o meio em que a criança se insere, assim será a sua personalidade. Uma vez que o jardim de infância faz parte do meio da criança, significa que a este é atribuída alguma responsabilidade neste aspeto uma vez que é neste ambiente que as crianças passam a maior parte do tempo e é o local, por excelência, onde ocorrem diversas interações que influenciam a sua personalidade (Esteves, s/d). Assim sendo, a personalidade do sujeito “(...) é o produto final de todas as relações interpessoais em que foi sendo envolvido” (Gesell, 1979).

1.2.1 Personalidade e temperamento

Quando se aborda o conceito de personalidade, é imprescindível compreender outro conceito subjacente, nomeadamente, o de traço de personalidade. Assim, por traços de personalidade entende-se “um conjunto de comportamentos específicos que o indivíduo

manifesta com frequência quando colocado perante situações semelhantes, i.e., perante estímulos mais ou menos equivalentes” (Esteves, s/d, p. 274).

De entre muitos traços de personalidade existentes, neste estudo, o foco incide sobre a timidez, que segundo Júnior (s/d, p.1) a “timidez é um traço de personalidade, na maioria das vezes reversível, caracterizado pela falta de confiança e ansiedade durante a execução de atividades que envolvem relacionamento afetivo e/ou social”.

Bartholomeu (2005), estudou as relações existentes entre traços de personalidade e problemas emocionais em crianças com idades entre os 7 e os 10 anos. Como instrumentos aplicou a escala de traços de personalidade com 30 itens que avalia quatro fatores (neuroticismo, psicoticismo, extroversão e sociabilidade) e o desenho da figura humana que permite avaliar as emoções das crianças através de alguns itens (traços fragmentados; acentuada assimetria das extremidades; olhos vazios círculos sem pupilas, entre outros). Para a análise dos dados, o autor realizou estatísticas descritivas referentes à escala e calculou o total de indicadores emocionais nos desenhos. De seguida estudou os coeficientes de correlação existentes entre as variáveis. Nos resultados verificou que as crianças que apresentam elevadas pontuações no traço de neuroticismo são as que no desenho da figura humana demonstram figura pequena, sombreado do rosto e que estes indicadores englobam problemas como a depressão, ansiedade e timidez.

No que diz respeito ao temperamento, este pode ser considerado também como uma característica individual de cada pessoa que é influenciada por variáveis ambientais, podendo assim interferir no percurso de desenvolvimento da criança Klein & Linhares (2010).

Lopes (2011), baseada em Muris & Ollendick (2005) defende que o temperamento “é a manifestação observável da personalidade das crianças a emergir, o cerne de onde a personalidade um dia se virá a desenvolver”.

Ainda sobre a temática do temperamento, Klein & Linhares (2010), realizaram uma revisão da literatura sobre estudos acerca do temperamento e a sua relação com o desenvolvimento da criança. Assim, verificaram que a abordagem teórica mais adotada pelos estudos foi a abordagem psicobiológica de Rothbart (42%) e que o temperamento é na maioria dos estudos (88%) avaliado através da aplicação de questionários às mães das crianças em estudo. O segundo procedimento mais utilizado foi a observação em situação experimental ou ambiente natural (26%). Os resultados das investigações mostram que as crianças que apresentam problemas de desenvolvimento são aquelas em que o temperamento é caracterizado por elevados níveis de humor negativo, medo, timidez e raiva. Por outro lado, aquelas em que o desenvolvimento é positivo, apresentam um temperamento com alto nível de controlo com

esforço, que assinala a capacidade para ultrapassar tendências comportamentais dirigidas pelo afeto e reprogramar assim o seu comportamento em situações de conflito.

Lopes (2011) no seu estudo, traduziu e analisou as qualidades psicométricas do questionário Children Behavior Questionnaire (CBQ), versão “Short” de Rothbart et al., 2001 e Putman & Rothbart 2006, para crianças na faixa etária dos 3 aos 5 anos. Para tal, aplicou 603 questionários aos encarregados de educação de várias instituições escolares. A análise dos dados foi efetuada no programa SPSS. Para a análise da validade do instrumento efetuou as mesmas análises que Rothbart et al (2001). Foram ainda efetuadas análises de consistência interna para cada escala e dimensão de forma a avaliar a consistência interna do questionário. Os resultados do estudo demonstram que o CBQ é um instrumento credível de aplicar quando se trata de investigar o temperamento das crianças.

1.2.3 Características e consequências da timidez nas crianças

Para melhor compreendermos a timidez é fundamental conhecermos quais são as consequências que lhe estão subjacentes e que influenciam assim o quotidiano dos indivíduos tímidos.

Segundo Albisetti (1998), citado por Santos e Zuse (2001, p. 115), “a timidez se manifesta em sintomas como: medo das pessoas, medo dos convites, medo de falar, medo de enrubescer, (...) todos os medos que tendem a reduzir o contato com as pessoas e que trazem o isolamento”.

Na mesma linha de pensamento, Carvalho (2006), defende que o isolamento social consiste num padrão comportamental constante que se caracteriza pelo baixo nível de interação social com os pares. As crianças que apresentam este padrão passam grande parte do tempo sozinhas, interagindo com os pares apenas em situações que seja necessário realizar tarefas específicas.

Casares & Caballo (2008), apresentam algumas manifestações de crianças socialmente isoladas, a saber: i) défice ou carência de comportamentos de interação com pares e adultos. Normalmente a timidez está associada à pouca habilidade social que esses indivíduos possuem. Assim, constata-se excesso de sentimentos como a apatia, passividade, indecisão, insegurança, lentidão, submissão, indiferença, entre outros; ii) comportamentos de ansiedade, medo, pensamentos negativos perante situações interpessoais e que impliquem avaliação; iii) problemas referentes ao conceito de si mesmo (podendo apresentar baixa autoestima,

autoavaliação negativas, sentimentos de inferioridade, tristeza e auto percepção negativa da própria competência social) e à afetividade.

Casares & Caballo (2008) realizaram um estudo de caso, que incidiu sobre uma criança do sexo masculino que fazia parte de uma turma de vinte e três alunos que tinha sido constituída no início do ano, com alunos provenientes de escolas diferentes. Na turma apenas nove crianças conheciam o aluno em questão. Para avaliar a criança foram utilizados diversos procedimentos e instrumentos de avaliação, bem como variadas fontes de informação e diversos avaliadores tais como os pais, professores e colegas. Assim, os procedimentos e instrumentos utilizados foram a observação direta (através do código de observação da interação e de folhas de registo); escalas de apreciação, questionário de habilidades de interação social e bateria de socialização; entrevistas aos colegas e aos pais (na entrevista realizada aos colegas que conheciam o aluno desde os anos anteriores, estes revelaram que o colega sempre foi tímido, nervoso e mal humorado). Na entrevista realizada aos pais, estes referiram que a criança estava inquieta, nervosa e que era muito calado, entre outros aspetos. Foram entregues vários questionários e folhas de registo aos pais para que preenchessem e devolvessem às investigadoras); Informação e apreciação pelos pares: procedimento sociométrico¹ (a criança estudada tinha uma baixa aceitação social na sua turma uma vez que não foi eleito por nenhum colega e teve 5 rejeições, o que significa que tinha um status sociométrico de rejeitado); auto-avaliação (escalas de autoconceito, questionário de comportamento assertivo e questionário de ansiedade estado para crianças). Foram também utilizados dois contextos diferentes, sendo eles a escola e a casa. O processo de avaliação teve duração de três semanas.

Após toda a avaliação efetuada, ocorreu a implementação de um programa de intervenção que foi aplicado pela psicóloga no contexto escolar, numa sala, onde a disposição das mesas estava em círculo para as sessões de grupo. As sessões eram gravadas com uma câmara. O período de intervenção teve duração de quatro meses. No final da intervenção, voltaram a aplicar os instrumentos utilizados na avaliação inicial e foi possível constatar que a criança aumentou os comportamentos de interação e reduziu os comportamentos de isolamento. No que se refere à aceitação social da criança, foram realizados novamente os procedimentos sociométricos e verificou-se que o número de rejeições diminuiu e que a criança recebeu uma

¹ Neste estudo, o procedimento sociométrico utilizado é uma “estratégia mista e complexa que, junto com a técnica de nomeação, incorpora o método de avaliação pelos pares (*peer rating*) e o método de adivinha quem (*guess who*)” (Casares e Caballo, 2008, p. 20).

nomeação. Relativamente à ansiedade social da criança, constatou-se que também ocorreram melhorias.

Segundo Junior (s/d, p. 1), “a timidez é uma condição pessoal que limita a execução de algumas atividades, principalmente aquelas que envolvem outras pessoas”. Uma vez que a timidez, na maior parte das vezes, impede que os indivíduos convivam socialmente, esta pode originar dificuldades nos relacionamentos interpessoais e intrapessoais, colocando assim em causa o processo de aprendizagem social das crianças que é tão essencial ao desenvolvimento humano (Felix & Filho, s/d).

Do ponto de vista de Zimbardo (2002), “a pessoa tímida sente relutância em enfrentar ou lidar com outras pessoas ou com alguma coisa específica (...)”, mostrando-se assim receoso ao falar e agir. As pessoas tímidas podem ser retraídas e reservadas por falta de confiança em si mesmas. Ser tímido é ainda, ter receio dos estranhos por constituírem um fator de incerteza e por serem novidade, bem como temer as autoridades e os membros do outro sexo (Zimbardo, 2002).

Para tentar compreender a timidez, Zimbardo (2002) aplicou inquéritos a 5000 pessoas. O inquérito é composto por 44 questões, todas elas de resposta rápida e começava por questionar se o inquirido se considerava tímido ou não. De seguida questionava acerca da intensidade e frequência da timidez, quais as causas que estariam na origem da mesma e quais as consequências que esta podia originar. Os resultados deste estudo revelaram que a timidez é um fenómeno comum, universal e generalizado, pois mais de 80% dos inquiridos responderam que em algum período na vida se sentiram tímidos. Para além disso, 40% consideravam-se atualmente tímidos e uma percentagem inferior a 20% não se consideravam pessoas tímidas. No que se refere às diferentes manifestações de timidez, esta ocorre de diversas formas, mas as mais referidas pelos inquiridos foram a resistência em falar (80%), a dificuldade de olhar as outras pessoas nos olhos (40%) e o tom de voz muito baixa, tornando-se por vezes impercetível. O mesmo autor (Zimbardo, 2002) realizou também inquéritos a adolescentes, pois possuía dados que o levavam a acreditar que a adolescência é suscetível de gerar mais timidez nas raparigas do que nos rapazes. A amostragem era constituída por crianças do 4º, 5º e 6º ano e a média dos alunos que se consideravam tímidos era de 42%. Nestas idades não havia uma diferença notável entre o número de rapazes e de raparigas que se consideravam tímidos. Contudo, nos inquéritos realizados aos alunos do 7º e do 8º ano, o autor verificou que a percentagem média aumenta para os 54%, sendo que a maior percentagem diz respeito ao género feminino.

Outros estudos realizados pelo mesmo autor, em que o objetivo foi observar quais eram os comportamentos manifestados por estudantes universitários. Esses estudos, permitiram-lhe indicar algumas conclusões acerca dos estudantes tímidos, nomeadamente que estes falam menos do que os outros na maioria das interações; passam mais tempo sentados nos seus lugares, andam menos de um lado para o outro na aula; falam com menos crianças; mostram-se relutantes em iniciar uma conversa, apresentar novas ideias e elaborar perguntas.

Zimbardo (2002) propôs alguns exercícios que têm como objetivo fazer com que o indivíduo se conheça melhor e para conhecer melhor a sua timidez. Alguns exemplos são:

- Desenhar-se a si mesmo, o indivíduo tem de desenhar-se e depois responder a algumas questões, como por exemplo: encheu o espaço todo ou apenas parte dele? Quais são as cores predominantes?, entre outros;
- Custos e benefícios, em que a pessoa tem de pensar o que é que a timidez já lhe custou, que oportunidades já perdeu por ser tímido. Relativamente aos benefícios, o indivíduo pensa o que é que já ganhou com a timidez;
- Escrever um diário onde o indivíduo aponta o acontecimento, a hora, a reação e as consequências que isso teve para si;
- Realizar um sociograma de amizades, para compreender as relações sociais existentes entre as crianças. Pede-se a cada criança que escolha todas as crianças com quem brinca (B). De seguida, pede-se que indique aquelas que são “grandes amigas” (GA) e aquelas que são “apenas amigas” (A). Com os dados recolhidos, constrói-se um diagrama da forma como os alunos se associam. A partir do diagrama é possível compreender quais são as crianças mais escolhidas e quais delas não foram escolhidas.

Embora Zimbardo (2002) tenha investigado o tema da timidez em diferentes sectores etários, não se debruçou contudo sobre crianças do pré-escolar.

No estudo realizado por Wilkens, Valiente, Swanson, & Chalfant (2014), o objetivo foi compreender de que forma a timidez e a popularidade das crianças contribui para o gosto pela escola, a participação cooperativa e a internalização de problemas (ansiedade, isolamento, solidão, entre outros). Os autores afirmaram que o gosto pela escola deve ser mais baixo nas crianças tímidas do que nas não tímidas. Os autores deste estudo basearam-se nas ideias de Hughes e Coplan (2010), que defendem que a transição das crianças tímidas para o ambiente escolar/sala de aula pode ser diferente do que será para as crianças não tímidas. Pois, as crianças tímidas são apreensivas à novidade e a transição para a escola implica que haja novas amizades, bem como o aumento das expectativas sociais. Além disso, essas crianças podem evitar atividades com pares e promover ainda mais o isolamento.

No estudo de Wilkens et al (2014), os dados foram recolhidos em jardins de infância sendo que os encarregados de educação e os professores foram os participantes e o instrumento utilizado para avaliar a timidez foi o questionário do comportamento da criança, de forma a avaliar a popularidade foi utilizada uma Subescala de popularidade e por fim, para avaliar a participação cooperativa foi utilizada a Escala de Avaliação de Professores de Ajustamento de escola. Nas conclusões, os autores referem que embora não seja impossível, é menos provável que as crianças que apresentaram a timidez no jardim de infância o fizeram como resultado do isolamento por seus pares em idades mais precoces. Em vez disso, as crianças que demonstram timidez no jardim de infância provavelmente o fizeram como resultado de ansiedade em situações sociais. Apesar de outros estudos revelarem que a timidez está associada à popularidade, neste estudo, os autores, apresentam a hipótese de que dificilmente a timidez se relaciona com popularidade.

O estudo realizado por Felix (2013) teve como objetivos observar as relações sociais existentes no interior da escola identificando as suas características junto dos professores/estudantes e estudantes/estudantes; realizar um trabalho coletivo e lúdico-pedagógico na escola, com o intuito de proporcionar novas condições e possibilidades de desenvolvimento para os indivíduos tímidos. A autora refere que para a realização deste trabalho, é fundamental que o investigador tenha uma participação ativa na realidade escolar, que observe e interaja com todos os indivíduos nos diferentes espaços escolares. As observações ocorreram portanto essencialmente no meio social que se constitui a sala de aula e o recreio (Felix, 2013). Este estudo baseou-se em particular nas observações realizadas na entrada da escola, no recreio, na sala de aulas, nos corredores e nas intervenções realizadas. O objetivo deste procedimento metodológico (i.e. observação) foi compreender a realidade do meio social que é a escola e identificar quais os alunos que apresentavam características do que a autora considerou ser o conceito de timidez, como por exemplo: alunos que falavam baixo, que não estabeleciam relações com muitos colegas, que demonstravam ficar assustados em situações de exposição e que coravam facilmente. Das observações realizadas, a autora identificou estas características num grupo de crianças do 2.º ano do primeiro ciclo e por este motivo, foi esta turma que serviu de base para a investigação.

Numa segunda fase, após a seleção do público-alvo, a autora iniciou diálogo com os alunos identificados como tímidos com o intuito de compreender o que eles pensavam sobre determinadas situações e sobre o medo que sentiam em falar e em expressarem as suas ideias. O registo dos diálogos foi feito num caderno utilizado pela investigadora. De seguida, foram realizados diálogos com o professor com o objetivo de compreender se o professor identificou

mudança no comportamento dos alunos que participavam na investigação e para saber se os alunos adotavam outros comportamentos quando não estavam a ser observados. Para as reflexões efetuadas sobre o que foi observado, a autora teve em consideração as observações registadas pelos membros do GEIPEE-thc (Grupo de estudos, intervenção e pesquisa em educação escolar e teoria histórico-cultural), do qual a investigadora faz parte. A proposta educativa deste grupo baseia-se na utilização de jogos e brincadeiras coletivas. As intervenções do grupo decorrem semanalmente e têm uma duração aproximada de 60 minutos. Os membros do GEIPEE dividem-se em dois grupos de intervenção, ou seja, dois membros são responsáveis pela implementação das ações ludo-pedagógicas e o terceiro membro fica encarregue de registar num diário de campo as atividades realizadas, os resultados, os comportamentos, falas e atitudes dos participantes.

Nesta investigação, a própria investigadora assumiu o papel de registar as informações relativas às atividades realizadas na sala do 2º ano do primeiro ciclo. Os membros do GEIPEE realizam reuniões semanais de avaliação e planeamento das atividades a desenvolver na escola. Para além disso, avaliam as ações ludo-pedagógicas realizadas com os grupos de intervenção.

Felix (2013) identificou as crianças tímidas tendo em consideração algumas características previamente apresentadas por elas, nomeadamente: dificuldades de expressão oral acerca dos seus desejos, sentimentos e necessidades; revelavam necessidade de se expressar mas demonstravam dificuldade em concretizá-la na relação com o outro. Na sala de aula, na maior parte das vezes, mantinham-se calados, retraídos e pareciam ter medo de se expressar. Depois desta identificação, a autora realizou conversas informais com os alunos e com os professores, de modo a aprofundar o seu conhecimento sobre esses alunos para conseguir desenvolver a investigação. Uma vez que a investigadora faz parte do GEIPEE, algumas atividades de intervenção dirigidas para a turma escolhida, foram planeadas no sentido de criar condições para que os indivíduos tímidos se possam manifestar. Durante a intervenção do GEIPEE e com o objetivo de observar diretamente as crianças tímidas, foram realizadas atividades tais como: produção de desenhos, cartazes, e maioritariamente, brincadeiras com caráter cooperativo e ludo-pedagógicas de forma a integrar essas crianças.

No estudo realizado por Dias & Perez (2011), o principal objetivo foi analisar se as relações ocorrentes no contexto escolar (relação aluno/professor e aluno/aluno), contribuem para a aprendizagem e para a interação. Assim, de forma mais detalhada, analisaram os comportamentos das crianças, para que fosse possível identificar as crianças tímidas. Além disso, analisaram de que modo a criança tímida interage na escola e em que atividades estas crianças revelam maior participação e interação. Para tal, os autores realizaram um estudo de

caso com três crianças entre os seis e os sete anos de idade que foram identificadas como tímidas tendo em consideração os pressupostos teóricos de Vigotsky, Casares & Caballo (2002) e ainda tendo em atenção as observações que realizaram na sala de aula. Deste modo, os autores observaram que estes alunos nunca participavam oralmente nas aulas; não interagiam com os colegas nem com a professora; tinham vergonha de falar ou responder a alguma questão que lhes fosse colocada. Para além disso, também foram realizadas entrevistas aos pais dessas crianças e à professora com o objetivo de verificar se estes participantes consideravam as três crianças tímidas ou não. Nas conclusões retiradas com a realização do estudo, os autores referem que as crianças tímidas apresentam dificuldades na relação com os colegas e com o professor, nomeadamente, em conversar e interagir. No que se refere à aprendizagem dos alunos, os autores verificaram que a timidez não influencia na aprendizagem dos conteúdos nas aulas uma vez que das três crianças investigadas, apenas uma se encontra num nível inferior de conhecimentos que são esperados para as idades em causa.

No estudo de Júnior (s/d), semelhante ao anterior, o principal objetivo foi verificar se existe alguma relação entre o baixo desempenho e a personalidade tímida dos alunos, nas aulas de Química. Para tal, foram aplicados questionários a 29 alunos do ensino secundário. O questionário era composto por 10 questões abertas para identificar traços de timidez nos inquiridos. Este instrumento, tinha também como objetivo verificar as dificuldades de relacionamento entre os alunos e o professor de Química. Os resultados do estudo indicam que a maioria dos alunos não evita o relacionamento interpessoal e possuem habilidades sociais. A pergunta que revela maior disparidade de resposta diz respeito à forma como os alunos tiram as dúvidas que possam surgir na aula. Deste modo, 15 alunos afirmaram que questionam o professor durante a aula. No entanto, alguns preferem que sejam os colegas a ajudá-los por terem maior afinidade e outros referiram que guardam as dúvidas para si ou questionam muito pouco pois têm vergonha de errar. Relativamente ao desempenho escolar dos alunos, Júnior (s/d), concluiu que as notas da turma em estudo eram razoáveis. No que se refere à opinião pessoal de cada aluno acerca da sua timidez, a maioria revela traços de timidez apenas em algumas situações, nomeadamente em ambientes que envolvam pessoas desconhecidas. As principais conclusões deste estudo indicam que as respostas dos alunos tímidos que afirmam que não se sentem à vontade para colocar questões ao professor, sugere que “existe relação entre a personalidade tímida e a dificuldade de comunicação com o professor” (Júnior, s/d, p. 7).

Ainda sobre a timidez no espaço escolar, Santos & Zuse (2001) estudaram de que forma os professores no 1.º e 2.º ciclo do ensino básico abordam a questão da timidez, através da

aplicação de 55 questionários aos professores de forma indireta. Nas questões relacionadas com a escola (e.g. a escola e o ensino formal ajudam os tímidos a superar o problema?), 53% responderam que sim, mas 47% responderam que não, o que demonstra que existe alguma incerteza por parte dos inquiridos. Ainda nas questões relacionadas com a escola, o questionário interrogava se a timidez prejudicava os estudos. Nesta questão 94% dos inquiridos respondeu que sim e referiram que uma das causas para esse mau aproveitamento é a dificuldade que os tímidos demonstram em interagir com os colegas e professores. Os autores concluíram que os educadores e o ensino apoiam as crianças tímidas a ultrapassar esse problema e que os educadores e as instituições escolares têm capacidades para abordar estas questões.

Através da revisão da literatura efetuada, constatámos que a timidez na infância ainda é um tema pouco investigado na faixa etária em causa. Casares & Caballo (2008, p. 12), refutam esta ideia, pois referem que “a timidez na infância é um fenómeno pouco investigado, tendo sido mais estudado na população adulta”.

Capítulo 2 – Metodologia

Neste capítulo, debruçamo-nos sobre a parte metodológica, onde constam as questões e os objetivos de estudo, os participantes, a tarefa experimental realizada e as técnicas e os instrumentos de recolha e análise de dados.

2.1 Natureza do estudo

O presente estudo é de natureza quantitativa, uma vez que utilizamos dados numéricos para obter informações, descrever e testar relações. Nesta perspetiva, Carmo & Ferreira (2008, p. 196) referem que “os objetivos da investigação quantitativa consistem essencialmente em encontrar relações entre variáveis, fazer descrições recorrendo ao tratamento estatístico de dados recolhidos, testar teorias”.

2.2 Questões do estudo

A formulação de questões é um processo essencial na elaboração de um trabalho de investigação, uma vez que todo o trabalho se desenrola em torno destas. Deste modo, as questões que pretendemos dar resposta com o presente estudo são:

- Crianças com níveis de timidez diferentes adotam comportamentos diferentes em situação de jogo?
- Situações de interação com graus de liberdade diferentes (i.e., com ou sem condicionamentos) permitem melhor distinguir os comportamentos das crianças em função do grupo de timidez?

2.3 Objetivos do estudo

O objetivo geral deste estudo é identificar e comparar o comportamento das crianças com diferentes graus de timidez em situação de jogo.

Como objetivos específicos pretendemos:

- Identificar se crianças com níveis de timidez diferentes adotam comportamentos diferentes em situação de jogo;
- Verificar se situações de interação com graus de liberdade diferentes permitem melhor distinguir os comportamentos das crianças em função do grupo de timidez.

2.4 Participantes

Tendo em consideração que pretendíamos, com este estudo, verificar quais são os comportamentos adotados por crianças com níveis de timidez diferentes em situação de jogo, definimos como participantes, um grupo de 14 crianças, 8 do sexo feminino e 6 do sexo masculino. A idade média das crianças é 5,57 anos e o desvio padrão de 0,51.

De forma a conseguirmos recolher a informação referente à timidez das crianças, constituíram-se também como participantes deste estudo, 18 encarregados de educação, 3 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, que responderam a questionários com este fim.

Os participantes foram selecionados por meio de amostragem não probabilística, especificamente amostragem por conveniência. Neste tipo de amostragem é selecionado um grupo de indivíduos que se encontre disponível ou então um grupo de voluntários. Através dos resultados obtidos é possível adquirir informações úteis para o estudo, não podendo no entanto, generalizá-los à população à qual pertence a amostra (Carmo & Ferreira, 2008).

2.5 Desenho Experimental

A tarefa experimental que foi utilizada consistiu numa sessão didática e era composta por duas fases distintas. Na **primeira fase**, foi realizado um aquecimento em que as crianças correram livremente pelo espaço delimitado no ginásio. Para delimitar o espaço recorreu-se à utilização de pinos unidos por cordas. Para garantir que as crianças não saíssem desse espaço foi necessário recorrer também ao auxílio da educadora cooperante e da colega estagiária. Esta fase teve como finalidade analisar as interações e os comportamentos realizados durante uma situação em que as crianças foram apenas instruídas de que o objetivo era realizar o aquecimento. Neste caso, o aquecimento apresentou-se como uma atividade não dirigida pelo adulto, uma vez que era nossa intenção, que nesse momento o adulto se constituísse espectador das interações realizadas pelas crianças quando desenvolvem uma atividade, em que não lhes são dados quaisquer indicações no decorrer da mesma. Esta fase durou, aproximadamente, 5 minutos.

Na **segunda fase** ocorreu a realização do jogo “Caça ao rato”, em que duas crianças serão os gatos que estavam de mãos dadas e terão de correr atrás dos ratos, que também estavam a pares e de mãos dadas. O jogo terminou quando só estava um par de ratos no espaço. Nem os gatos nem os ratos podiam largar as mãos dos respetivos pares. Caso isso acontecesse teriam de sair do jogo. Se no decorrer do jogo, verificássemos que se este se estava a tornar muito monótono, uma das variantes podia ser distribuir uma bola a cada par e estes teriam de correr

com ela sem a deixar cair no chão. Se a deixassem cair teriam de sair do jogo. A duração da realização do jogo foi de 15 minutos. Com a realização deste jogo, pretendemos observar o comportamento das crianças perante situações de jogo que envolvem a interação entre pares e em que lhes foram dadas instruções do que era pretendido.

Embora o presente estudo tenha essencialmente como objetivo investigar os comportamentos adotados por crianças com níveis de timidez diferentes em situação de jogo (segunda fase), consideramos importante incluir duas primeiras fases (conversa e aquecimento) de forma a imprimir um progressivo aumento de constrangimentos a atuar sobre o comportamento observado (regras). A sessão organizada desta forma, para além de ser familiar ao grupo de crianças participantes, permite assim comparar se situações com maior ou menor grau de liberdade relativamente à interação entre crianças (i.e., menos ou mais regradas) permitem melhor distinguir os grupos de timidez. No entanto, não consideramos que a fase da conversa (primeira fase) tenha sido reveladora de comportamentos que nos permitissem obter resultados oportunos para este estudo, de tal modo que, na apresentação e discussão dos resultados, excluímos a fase referente à conversa e apenas nos debruçamos sobre as outras duas fases (aquecimento e jogo).

A realização desta tarefa experimental ocorreu uma vez e teve uma duração de 50 minutos. Como foi referido anteriormente, todas as fases permitiram observar o comportamento manifestado pelas crianças. O local onde esta decorreu foi o ginásio da instituição, pois este revela ser o local apropriado para realizar uma sessão didática de expressão físico-motora e tal como referem Bogdan & Biklen (1994, p. 48), “(...) as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência”. É de suma importância referir que antes de implementarmos a tarefa experimental, realizámos um pré-teste no espaço, com todo o equipamento e local devidamente delimitado. Este pré-teste, permitiu-nos assim verificar qual seria o local mais apropriado do ginásio para colocar a máquina de filmar; confirmar se o espaço onde as crianças iriam estar era suficiente, entre outros aspetos.

2.6 Procedimentos e instrumentos de recolha de dados

Aquando da definição das questões de partida e dos objetivos do estudo, tornou-se necessário encontrar os procedimentos e instrumentos de recolha de dados adequados para o desenvolvimento do estudo. De seguida, apresentamos os procedimentos e os instrumentos criados e utilizados durante a realização do estudo e que possibilitaram o processo de recolha dos dados.

2.6.1 Inquérito por questionário

Optámos pelo inquérito, que consiste no “(...) estudo de um tema preciso junto de uma população, cuja amostra se determina a fim de precisar certos parâmetros” (Ketele & Roegiers, 1993, p.35), na medida em que este se apresentou como sendo o mais adequado aos nossos objetivos.

O questionário demonstrou ser um instrumento útil a aplicar e rigoroso na recolha de informações, pois como refere Fortin (1999, p. 249), este instrumento “ajuda a organizar, a normalizar e a controlar os dados, de tal forma que as informações procuradas possam ser colhidas de uma maneira rigorosa”.

Com o objetivo de recolhermos informação relativa à timidez das crianças participantes neste estudo aplicámos um questionário que se intitula “*Children Behavior Questionnaire*” (CBQ), a versão “*Short*”, traduzido e validado por Lopes (2011). A escolha deste instrumento recaiu, essencialmente, no fato de este já ter sido testado e por se dirigir à faixa etária dos 3 aos 5 anos, mostrando desta forma, estar adequado à idade dos participantes do nosso estudo. Para além disso, também se apresentou apropriado por representar, como refere Lopes (2011, p. 19), “uma alternativa viável, para investigadores com limitações de tempo e recursos na administração da forma «standard» (195 itens) (...)”.

O questionário utilizado mantém as mesmas características do questionário original, apenas tendo sido acrescentado um cabeçalho onde se pretende que os inquiridos insiram os dados relativos ao nome, ao sexo e a idade (anexo...), no entanto foram restringidas as escalas aplicadas. O questionário CBQ original é constituído por 94 itens, distribuídos por 15 escalas. As questões são, maioritariamente, de resposta fechada, de forma a permitir a quantificação e comparação dos resultados.

As diversas escalas presentes no questionário permitem recolher diferentes informações sobre as crianças, por exemplo, a escala referente ao **nível de atividade** debruça-se sobre a atividade grossa, que engloba a taxa e extensão da locomoção (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011); a escala **irritação/frustração** incide sobre a afetividade negativa relacionada com a interrupção de tarefas em andamento e “*goal blocking*” (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011); a escala **desconforto** refere-se à afetividade negativa relacionada com qualidades sensoriais de estimulação, incluindo intensidade, taxa ou complexidade de luz, movimento, som e textura (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011); a escala **medo** aborda a afetividade negativa abrangendo mal estar, nervosismo que está relacionado com antecipação de dor ou *distress* e/ou situações potencialmente ameaçadoras (Putman & Rothbart,

2006, citado por Lopes, 2011); a escala **elevada intensidade de prazer** encontra-se associada ao prazer ou satisfação relacionados com situações que incluem estímulos de intensidade alta, taxa, complexidade, novidade e incongruência (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011); a escala **impulsividade**, diz respeito à rapidez com que se inicia uma resposta (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011); a escala **controle inibido** envolve a capacidade de planear e suprimir respostas inadequadas sobre instruções ou situações novas (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011); a escala **baixa intensidade de prazer** refere-se ao prazer ou satisfação ligadas a acontecimentos que abrangem estímulos de intensidade baixa, taxa, complexidade, novidade ou incongruência (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011); a escala **sensibilidade perceptiva** foca-se na deteção de estímulos leves, de baixa intensidade do meio exterior (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011); a escala **aproximação/entusiasmo** está relacionada com a quantidade de excitação ou antecipação por expectativa de atividades que trazem prazer (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011); a escala **tristeza** trata a afetividade negativa, humor e a energia em baixo relacionadas com exposição a sofrimento, desapontamento, e perda (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011); a escala **timidez** consiste na lenta e inibida (vs rápido) rapidez de aproximação e desconforto (vs conforto) em situações sociais (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011); a escala **sorrisos/gargalhadas** consiste na afetividade positiva em resposta a mudanças na intensidade de estímulos, taxa, complexidade e incongruência; por último, a escala **sensibilidade/limiar de resposta** foca-se na recuperação de picos de stress, entusiasmo ou excitação (Putman & Rothbart, 2006, citado por Lopes, 2011).

Neste estudo, apenas nos vamos focar na escala referente à timidez, especificamente os itens 11, 37, 42, 54, 60 e 70, visto que as escalas e os itens que compõem o questionário visam abordar vários aspetos diferentes. Para melhor compreensão do instrumento que vamos utilizar, de seguida, apresentamos um quadro onde se encontram os itens em estudo e as respetivas escalas. Os restantes itens e escalas que compõem o questionário CBQ podem ser consultados no anexo 2.

Escalas	Itens correspondentes
Timidez	11.Parece estar à vontade com quase todas as pessoas. 37.Por vezes é envergonhado(a) mesmo com pessoas que conhece há muito tempo. 42.Por vezes parece nervoso(a) quando fala com adultos que acabou de conhecer. 52.Age de forma envergonhada perante novas pessoas. 60.Sente-se à vontade em pedir a outras crianças para brincar.

70.Por vezes afasta-se de forma envergonhada quando conhece pessoas novas.

Tabela 1 - Excerto do quadro das Escalas e Itens do questionário CBQ baseado de Almeida (s/d)

Foram distribuídos 25 questionários pelos encarregados de educação de cada criança, cujo preenchimento demorava aproximadamente 30 minutos. Destes, foram-nos devolvidos 18.

É importante salientar que, apesar deste fato, apenas vamos analisar 14 questionários uma vez que as restantes crianças não estiveram presentes na implementação da sessão.

2.6.2 Observação

Neste estudo, utilizámos a observação “ (...) como instrumento básico para el logro empírico de nuestros objetivos, ya que sólo a través de ella se puede llegar a la obtención de conceptos con significación objetiva (...)” (Anguera, 1989, p. 21).

Durante a realização do estudo, a observação foi um método importante de recolha de dados pois esta é “(...) a técnica por excelência para estudar fenómenos através das manifestações comportamentais” (Azevedo & Azevedo, 2000,p. 29).

Neste sentido, recorreremos a diversos tipos de observação, nomeadamente, a observação participante e a indireta.

Recorreremos à observação indireta através de videogravação. Durante a implementação da tarefa experimental, foi essencial recorrer à gravação da mesma para, posteriormente, procedermos à análise e tratamento dos dados. Desta forma, mostrou-se necessário identificar um ponto estratégico do espaço onde pudéssemos colocar a máquina de filmar e que permitisse cobrir todo o ginásio e visualizar todo o grupo.

Para identificarmos os comportamentos presentes na videogravação foi criada uma grelha (grelha 1) que permitiu registar os dados referentes ao comportamento de cada criança observada. Este instrumento permitiu-nos ser criteriosos na seleção da informação que é importante reter para o nosso estudo. De acordo com Ketele & Rogiers (1993, p. 23), “o observador seleciona um pequeno número de informações pertinentes entre o vasto leque de informações possíveis”. Neste sentido, a grelha é composta por 20 categorias que foram selecionadas criteriosamente de acordo com os itens do CBQ e os pressupostos teóricos dos autores referidos na revisão da literatura e permite observar os comportamentos das crianças nas respetivas fases da sessão didática. Assim sendo, as categorias de comportamento i) *Interage com o colega*; ii) *Interage com 1 colega*; iii) *Interage com 2 ou 3 colegas*; iv) *Interage com mais de 3 colegas* estão de acordo com o que refere Carvalho (2006). Este autor indica que as crianças mais tímidas apresentam algum isolamento, interagindo com os pares apenas em

situações que seja necessário realizar tarefas específicas; Quanto às categorias de comportamento: v) *Sorri*; vi) *Procurou um par para jogar*; vii) *Trocou de par*; viii) *Trocou de par 1 vez* e ix) *Trocou de par 2 vezes*, vão ao encontro das ideias de Casares & Caballo (2008), que apontam alguns sentimentos em excesso nas pessoas tímidas tais como a apatia, passividade, indecisão, insegurança, lentidão, submissão, indiferença, entre outros e também em três itens do CBQ, nomeadamente o item 60 “Sente-se à vontade em pedir outras crianças para brincar”, item 77 “Sorri muito para as pessoas de quem gosta” e item 79 “Muitas vezes dá gargalhadas quando brinca com outras crianças”; Em relação às categorias de comportamento: x) *Parou de correr*; xi) *Procurou a ajuda do adulto*; xii) *Aproximou-se do adulto enquanto falou*; xiii) *Espera que o adulto lhe dê permissão para falar*, apesar de não constarem do questionário CBQ, foram selecionadas por considerarmos que são relevantes para analisar o comportamento das crianças; a categoria de comportamento xiv) *Espera para começar uma atividade quando lhe é dito para esperar* tem por base o item 38 do CBQ “Consegue esperar para começar atividades quando lhe é dito para esperar”;

A grelha encontra-se dividida em três colunas, sendo que na coluna da esquerda aparece cada uma das fases da sessão, na coluna do meio as categorias observadas e na coluna da direita registamos o número de vezes que cada comportamento observado ocorreu.

Grelha 1 - Grelha de observação da sessão didática

Nome da criança:		
Fases da sessão didática	Categorias de observação	n.º de ocorrências
1ª fase Aquecimento livre	1- Interage com o colega;	
	2- Interage com 1 colega	
	3- Interage com 2 ou 3 colegas	
	4- Interage com mais de 3 colegas	
	5- Parou de correr;	
	6- Sorri	
	7- Procurou a ajuda do adulto;	
	8- Aproximou-se do adulto enquanto falou;	
2ª fase Jogo caça ao rato	1- Espera para começar a atividade quando lhe é dito para esperar;	
	2- Espera que o adulto lhe dê permissão para falar;	
	3- Aproximou-se do adulto enquanto falou;	
	4- Procurou um par para jogar;	
	5- Trocou de par;	
	6- Trocou de par 1 vez;	
	7- Trocou de par 2 vezes;	

	8- Sorri;	
	9- Parou de correr	
	10- Procurou a ajuda do adulto;	

2.7. Procedimentos de análise de dados

2.7.1 Análise da timidez

Após a recolha de todos os questionários, iniciou-se o processo de análise dos mesmos. Para tal, primeiramente, começámos por criar uma tabela no *Excel*, onde constam as questões relativas à timidez (11, 37, 42, 52, 60, 70) e introduzimos as respostas de cada encarregado de educação. Com as respostas recolhidas, efetuámos o somatório dos respetivos itens para cada encarregado de educação. Este procedimento permitiu observar que cada criança obteve diferentes somas, que apontavam diferentes graus de timidez. Após essa observação, optou-se por agrupar as diferentes somas em 3 grupos distintos de timidez, tendo por base o procedimento efetuado por Cheek & Buss (1981). Desta forma, no grupo 1 encontram-se as crianças menos tímidas cujo somatório dos itens apresenta valores inferiores, o grupo 3 engloba as crianças mais tímidas cujos somatórios são superiores e o grupo 2, por sua vez, é composto pelas crianças que apresentam valores intermédios. Para facilitar o agrupamento, recorreu-se a uma ferramenta disponibilizada pelo software *Microsoft Excel* designada função SE. Esta função permite através de um “teste lógico” avaliar se um determinado valor é verdadeiro ou falso recorrendo a uma expressão ou uma condição. Deste modo, antes de se iniciar o respetivo “teste lógico” foi estabelecido que cada grupo de timidez apresentaria uma quantidade de crianças semelhantes aos restantes para facilitar o seu processamento. Nesse sentido sendo a amostra constituída por 14 crianças ficou estabelecido que o grupo 1 apresentaria 5 crianças cujo somatório de respostas se encontra abaixo de 24, o grupo 2 com 4 crianças com somatórios entre 24 e 28, e o grupo 3 apresentaria igualmente 5 crianças em que o somatório de respostas apresenta um valor superior a 28. Posto isto, iniciou-se o respetivo “teste lógico” para permitir, através do *excel*, observar quais as crianças pertencentes aos diferentes grupos anteriormente identificados. O “teste lógico” apresenta um argumento a que deu entrada as condições referenciadas anteriormente, isto é, “SE” uma determinada soma se encontra abaixo do valor 24 significa que a função “SE” vai devolver qual o grupo correspondente a esse valor e assim sucessivamente.

Assim, no capítulo referente à apresentação dos resultados, os dados obtidos surgem numa tabela, onde constam o número de crianças existente em cada grupo, os valores médios (e respetivo desvio-padrão), bem como a faixa etária e o género de cada criança.

2.7.2. Análise do comportamento

Depois de observarmos a videogravação da sessão e registarmos na grelha os dados de cada criança, efetuámos a organização dos dados no *excel*. Assim, os dados relativos ao comportamento são apresentados sob a forma de gráficos de barras, constituídos pela média e respetivo desvio-padrão do número de ocorrências de cada categoria de comportamento, distribuídos pelos diferentes grupos e por cada uma das fases da sessão didática. O desvio-padrão foi importante para a compreensão da variação de comportamentos de cada criança nos respetivos grupos, uma vez que nos indica a dispersão existente em relação à média dos comportamentos de cada grupo. Isto é, nas categorias em que o desvio-padrão apresentar valores baixos significa que os comportamentos de cada criança são aproximados, se o desvio padrão for elevado significa que existem comportamentos diferenciados relativamente a cada criança.

Os dados recolhidos relativamente ao comportamento, nomeadamente as categorias de comportamento previamente definidas, foram também sujeitos a análise descritiva. Estes procedimentos permitiram-nos verificar quais os comportamentos que as crianças com diferentes graus de timidez apresentavam.

Capítulo 3 – Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo procede-se à apresentação e discussão dos resultados relativos ao questionário CBQ e ao comportamento das crianças na sessão didática. Numa primeira parte, é realizada uma exposição descritiva dos dados, na segunda parte é efetuada uma discussão dos dados.

3.1 Apresentação dos resultados

3.1.1 Resultados

Tendo em consideração que o objetivo definido para o presente estudo foi identificar e comparar o comportamento das crianças com diferentes graus de timidez em situação de jogo, iremos proceder, em primeiro lugar, à análise dos resultados obtidos através da aplicação do CBQ e, posteriormente, à análise resultante da observação da videogravação da sessão didática implementada.

3.1.1.1 Grupos de timidez

Com base nos dados resultantes do CBQ, foram criados três grupos distintos de timidez, conforme se pode ver na tabela 2. Assim, o grupo 1 apresenta o menor grau de timidez, o grupo 2 revela graus de timidez que estão entre os outros dois grupos e o grupo 3 demonstra maior grau de timidez. Importa ainda referir que o grupo 1 é composto por quatro crianças, sendo uma do sexo masculino e três do sexo feminino ($M_{idade}=5,75$; $DP=0,50$). O grupo 2 constitui-se por cinco crianças, sendo que quatro são do sexo feminino e uma do masculino ($M_{idade}=5,60$; $DP=0,55$). No grupo 3 constam igualmente cinco crianças, três do sexo feminino e duas do sexo masculino ($M_{idade}=5,40$; $DP=0,55$).

Tabela 2 - Resultados do questionário CBQ relativamente à Escala Timidez

Questionário CBQ – Escalas de Timidez	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Média do somatório dos itens	22,3	25,8	32,8
Desvio Padrão do somatório dos itens	2,4	1,4	1,3

3.1.1.2 Comportamentos da criança em jogo

A sessão didática dinamizada com as crianças em estudo foi composta por 2 fases distintas, sendo que, a primeira fase consistiu na realização de um aquecimento em que as crianças correram livremente pelo espaço delimitado no ginásio. A segunda fase

comportou a realização do jogo “Caça ao rato”, em que as crianças realizavam o jogo a pares.

Seguidamente analisamos os resultados obtidos através da recolha de dados efetuada à videogravação. De forma a tornar mais clara a compreensão dos mesmos, optamos por apresentá-los conforme as fases da sessão didática.

3.1.1.2.2 Comportamentos da Fase 1

Os dados que se seguem são relativos à fase 1 da sessão didática em que a principal finalidade foi analisar o comportamento das crianças durante o aquecimento, que era um procedimento que já estava interiorizado no grupo, e que não houve qualquer instrução por parte do educador.

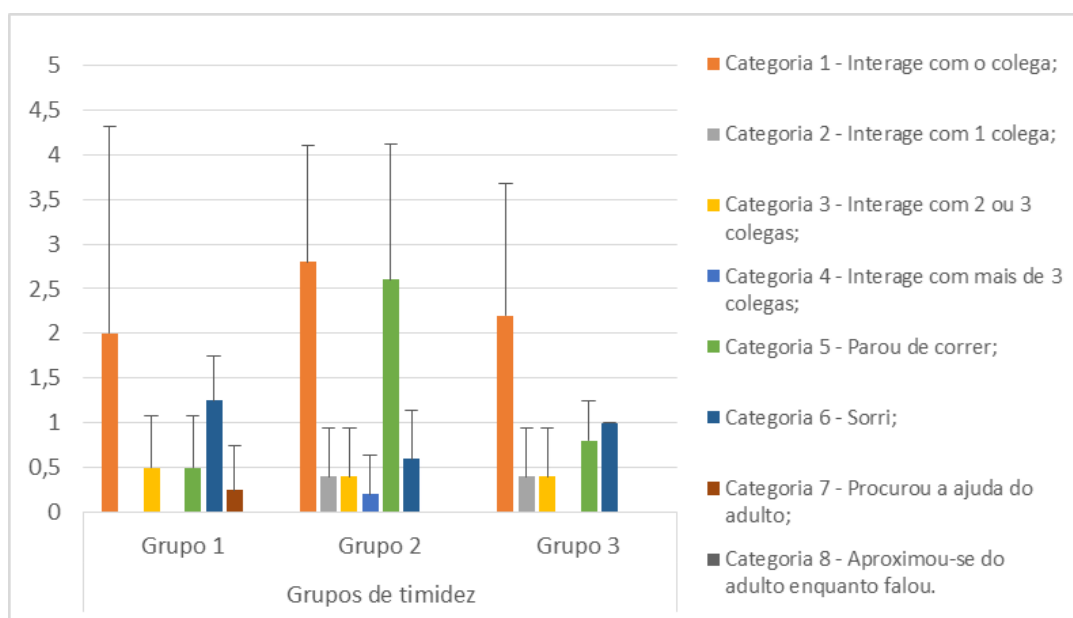


Figura 1 - Média e desvio-padrão das interações e comportamentos realizados pelas crianças durante o aquecimento

A partir da figura 1, podemos verificar que nesta fase, cada grupo apresenta um número idêntico de categorias. Assim, o grupo dos valores mais baixos de timidez (grupo 1) apresenta 5 categorias de comportamento, nomeadamente, “Interação com o colega” ($M_{\text{Grupo1}}=2$, $DP_{\text{Grupo1}}=2,3$), das crianças consideradas neste grupo, duas delas demonstraram este comportamento 4 vezes respetivamente, e as restantes não o demonstraram; “Interação com 2 ou 3 colegas” ($M_{\text{Grupo1}}=0,5$, $DP_{\text{Grupo1}}=0,6$) das crianças consideradas neste grupo, duas delas revelaram este comportamento uma vez, respetivamente e as restantes crianças nenhuma vez; “Parou de correr” ($M_{\text{Grupo1}}=0,5$, $DP_{\text{Grupo1}}=0,6$), nesta categoria de comportamento, duas crianças repetiram este comportamento uma vez, sendo que as restantes não o repetiram; “Sorri” ($M_{\text{Grupo1}}=1,25$,

$DP_{Grupo1}=0,5$) e “Procurou a ajuda do adulto” ($M_{Grupo1}=0,25$, $DP_{Grupo1}=0,5$) estes comportamentos foram demonstrados uma vez por uma criança e nenhuma vez pelas restantes. O grupo 2 revela, no entanto, mais categorias de comportamento do que o grupo 1, a saber “Interage com o colega” ($M_{Grupo2}=2,8$, $DP_{Grupo2}=1,3$); “Interage com 1 colega” ($M_{Grupo2}=0,4$, $DP_{Grupo2}=0,5$). Das crianças que repetiram este comportamento, duas delas repetiram-no uma vez e as restantes não o repetiram nenhuma vez; “Interage com 2 ou 3 colegas” ($M_{Grupo2}=0,4$, $DP_{Grupo2}=0,5$) foi a categoria de comportamento em que duas crianças a repetiram uma vez e as restantes não; “Interage com mais de 3 colegas” ($M_{Grupo2}=0,2$, $DP_{Grupo2}=0,4$) das crianças pertencentes a este grupo, uma demonstrou esta categoria de comportamento uma vez e as restantes não demonstraram; “Parou de correr” ($M_{Grupo2}=2,6$, $DP_{Grupo2}=1,5$) e “Sorri” ($M_{Grupo2}=0,6$, $DP_{Grupo2}=0,5$). O grupo com maior grau de timidez (grupo 3), revela assim 5 categorias de comportamento, algumas delas iguais às dos outros grupos, especificamente “Interage com o colega” ($M_{Grupo3}=2,2$, $DP_{Grupo3}=1,5$), “Interage com 1 colega” ($M_{Grupo3}=0,4$, $DP_{Grupo3}=0,5$), sendo que neste grupo, duas das crianças apresentaram o comportamento uma vez, sendo que as restantes não o apresentaram; “Interage com 2 ou 3 colegas” ($M_{Grupo3}=0,2$, $DP_{Grupo3}=0,4$), das crianças pertencentes a este grupo, duas revelaram esta categoria de comportamento uma vez, enquanto as restantes não o revelaram nenhuma vez; “Parou de correr” ($M_{Grupo3}=0,8$, $DP_{Grupo3}=0,4$) e “Sorri” ($M_{Grupo3}=1$, $DP_{Grupo3}=0$).

Como se pode ver na figura 1, em todos os grupos, a categoria de comportamento que sobressai é a “Interage com 1 colega”, sendo que no grupo 2, a categoria de comportamento “Sorri” também é uma das que mais vezes se ocorreu. Nesta fase, é possível observar que é entre o grupo 2 e 3 que existem mais categorias iguais. Para além disso, a categoria “Interage com 1 colega” ($M_{Grupo1}=2$, $DP_{Grupo1}=2,3$; $M_{Grupo3}=2,2$, $DP_{Grupo3}=1,5$) surge no grupo 1 e 3 com valores idênticos. No grupo 2 surge ainda a categoria de comportamento “Interage com mais de 3 colegas” ($M_{Grupo2}=0,2$, $DP_{Grupo2}=0,4$).

3.1.1.2.3 Comportamentos Fase 2

Os dados que se seguem são referentes à segunda fase da sessão, onde através da realização do jogo, pretendíamos observar o comportamento das crianças perante uma situação de jogo em que as crianças tiveram interagir cumprindo as regras que lhes foram transmitidas.

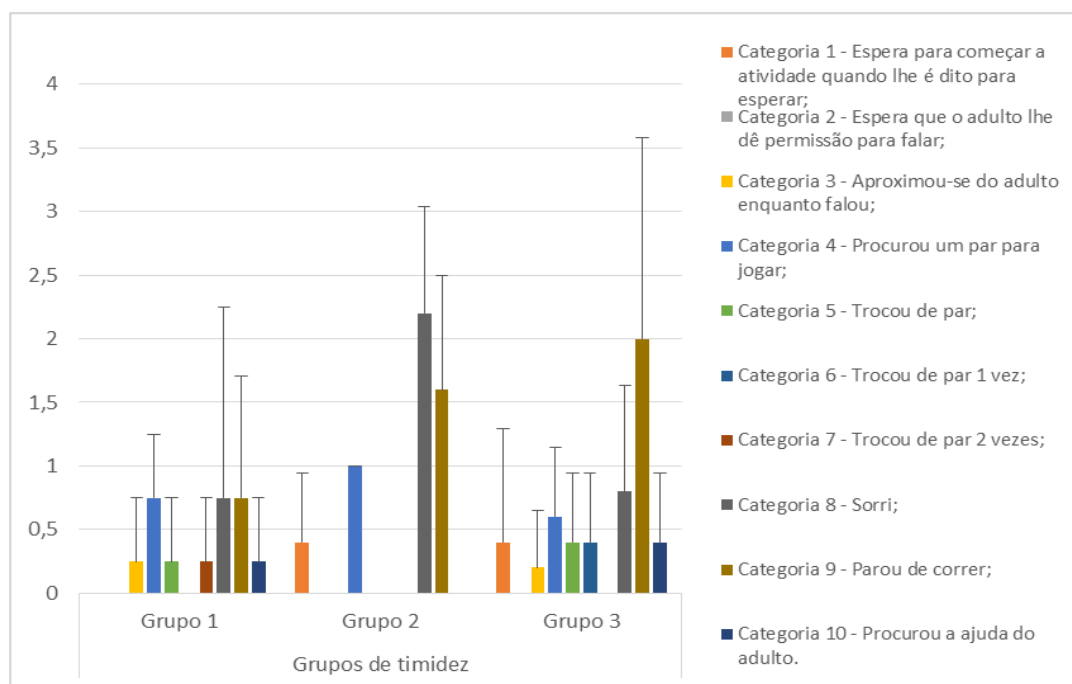


Figura 2 - Média e desvio-padrão do comportamento das crianças, por grupo de timidez, observado durante a realização do jogo

Através da análise da figura 2, é possível verificar que existem algumas categorias que se repetem em todos os grupos, nomeadamente as categorias de comportamento “Procurou um par para jogar” ($M_{\text{Grupo1}}=0,75$, $DP_{\text{Grupo1}}=0,5$; $M_{\text{Grupo2}}=1,0$, $DP_{\text{Grupo2}}=0$; $M_{\text{Grupo3}}=0,6$, $DP_{\text{Grupo3}}=0,5$); “Sorri” ($M_{\text{Grupo1}}=0,8$, $DP_{\text{Grupo1}}=1,5$; $M_{\text{Grupo2}}=2,2$, $DP_{\text{Grupo2}}=0,8$; $M_{\text{Grupo3}}=0,8$, $DP_{\text{Grupo3}}=0,8$) e “Parou de correr” ($M_{\text{Grupo1}}=0,8$, $DP_{\text{Grupo1}}=1$; $M_{\text{Grupo2}}=1,6$, $DP_{\text{Grupo2}}=0,9$; $M_{\text{Grupo3}}=2$, $DP_{\text{Grupo3}}=1,6$). No entanto, é nos grupos 2 e 3 que as categorias de comportamento atingem maior valor, nomeadamente, as categorias “Sorri” ($M_{\text{Grupo2}}=2,2$, $DP_{\text{Grupo2}}=0,8$; $M_{\text{Grupo3}}=0,8$, $DP_{\text{Grupo3}}=0,8$) e “Parou de correr” ($M_{\text{Grupo2}}=1,6$, $DP_{\text{Grupo2}}=0,9$; $M_{\text{Grupo3}}=2$, $DP_{\text{Grupo3}}=1,6$). É ainda possível observar que apenas no grupo 3 existe a categoria “Trocou de par 1 vez” ($M_{\text{Grupo3}}=0,4$, $DP_{\text{Grupo3}}=0,5$) uma vez que duas crianças apresentaram esta categoria de comportamento uma vez, ao passo que as restantes não apresentaram. O grupo composto pelo grau de timidez menor (Grupo 1) também é o único que apresenta a categoria de comportamento “Trocou de par 2 vezes” ($M_{\text{Grupo1}}=0,25$, $DP_{\text{Grupo1}}=0,5$) pois das crianças consideradas, uma delas demonstrou esta categoria de comportamento uma vez, enquanto que as restantes crianças não o demonstraram nenhuma vez.

Na figura 2, podemos visualizar ainda, que a categoria de comportamento “Aproximou-se do adulto enquanto falou” é inexistente no grupo 2.

Nesta fase, tal como na anterior, é notória a diferença entre os valores que cada categoria de comportamento possui nos diferentes grupos, sendo que é no grupo 1 que as médias e os respetivos desvio-padrão são os mais baixos.

Através do gráfico é observável, que ao contrário da fase anterior, é entre o grupo 1 e o 3 que existem maior repetição das mesmas categorias.

3.2 Discussão dos resultados

Neste ponto, procedemos à discussão dos resultados obtidos, tendo em consideração o objetivo definido inicialmente, que foi identificar e comparar o comportamento das crianças com diferentes graus de timidez em situação de jogo.

Assim sendo, começamos por discutir os resultados relativos aos questionários aplicados e de seguida os resultados referentes ao comportamento das crianças.

Deste modo, através dos valores obtidos no somatório dos itens do questionário CBQ, podemos considerar que as crianças deste estudo se inserem em níveis de timidez diferentes. Portanto, das 14 crianças analisadas, cinco são mais tímidas pertencendo assim ao grupo com maior grau de timidez (grupo 3), quatro menos tímidas pertencentes ao grupo com menor grau de timidez (grupo 1) e as outras cinco pertencem ao grupo 2 e revelam graus de timidez que estão entre os outros dois grupos.

Relativamente à fase 1, é possível concluir que as médias dos comportamentos revelados no grupo 3 correspondem ao grau de timidez em causa, uma vez que todos eles são inferiores aos dos restantes grupos, à exceção da categoria “Interage com o colega”, que revelou valores idênticos aos do grupo 1 na mesma categoria, o que pode ser justificado pelo fato do grupo 1 apresentar menos 1 criança do que o grupo 3. Através dos resultados, podemos ainda constatar que o grupo 1 é o único que apresenta a categoria “Procurou a ajuda do adulto”, o que permite confirmar o menor grau de timidez que caracteriza este grupo. Estes resultados corroboram os resultados de Júnior (s/d), uma vez que no seu estudo os alunos tímidos afirmaram que não se sentiam à vontade para colocar questões ao professor. Para além disso, em nenhum dos grupos foi visível a categoria “Aproximou-se do adulto enquanto falou”, o que permite concluir que, nesta fase (sem condicionamentos), as crianças não interagiram com o adulto, uma vez que isso não lhes foi solicitado. Os resultados indicam que, nesta fase, o grupo 3 não procurou a ajuda do adulto e não se aproximou do adulto para falar. No entanto, estes resultados não vão ao encontro do que refere Bruner (1986) citado por Monteiro (1990, p. 44), quando afirma

que “o jogo livre dá a criança uma primeira possibilidade absolutamente determinante para ter coragem de pensar, de falar e talvez de ser verdadeiramente ela própria”.

Em relação à fase 2, concluímos que no grupo 1, a categoria de comportamento “espera para começar a atividade quando lhe é dito para esperar” não se evidenciou o que se pode justificar pelo fato de este grupo ser o que apresenta menor grau de timidez, por conseguinte, esta categoria foi evidente nos grupos 2 e 3. Podemos constatar ainda que a categoria de comportamento “Espera que o adulto lhe dê permissão para falar” não surgiu em nenhum grupo situação esta que nós julgamos ter acontecido devido ao fato de nesta fase não existirem condicionamentos.

Concluímos ainda que no grupo 1 a média de comportamentos da categoria “Trocou de par” foi inferior à média referente ao grupo 3, porém a categoria de comportamento “Trocou de par 2 vezes” evidenciou-se no grupo 1 ao contrário do que aconteceu no grupo 3 em que evidenciou a categoria “Trocou de par 1 vez”, o que revela que no grupo com maior grau de timidez ocorreu menos a troca de pares diferentes.

Os resultados obtidos permitem afirmar que o grupo 3, apesar de incluir as crianças com maior grau de timidez, evidenciou comportamentos que não correspondem a esse grau, como por exemplo “Procurou a ajuda do adulto”, sendo que o motivo que os levou a adotar esta categoria de comportamento pode estar relacionado com o fato de nesta fase estar presente algum condicionamento. Por outro lado, foi neste grupo que verificamos maiores valores na categoria de comportamento “Parou de correr”.

Neste estudo observamos que na fase 1, independentemente dos diferentes graus de timidez, as categorias “Interage com o colega”, “Interage com 1 colega”, “Interage com 2 ou 3 colegas”, foram evidentes. No entanto os autores Dias & Perez (2011) referem que as crianças mais tímidas não interagem com os colegas nem com a professora. Ao refletir, julgamos que isto se deve ao fato do estudo referido ter ocorrido na sala de aula, que se caracteriza por um ambiente mais formal, enquanto que o nosso estudo, ocorreu em situação de jogo. Esta situação pode possibilitar um ambiente menos informal e mais lúdico no qual as crianças tímidas reduzem as barreiras de interação.

Verificamos ainda que os resultados relativos às categorias de comportamento “interage com o colega”, “interage com 1 colega”, “interage com 2 ou 3 colegas” na fase 2, são em menor número quando comparamos com os resultados de categorias equivalente (“trocou de par, trocou de par 1 vez, trocou de par 2 vezes”) na fase 3. Nesta fase foi inculcido esse constrangimento (troca de pares), e os resultados vão ao encontro dos resultados do Carvalho (2006). O autor constatou que as crianças mais tímidas

apresentam algum isolamento, interagindo com os pares apenas em situações e que seja necessário realizar tarefas específicas.

Os resultados que se repetem nas duas fases são relativos às categorias “Sorri” e “Parou de correr”. Sendo que, as ocorrências relativamente às categorias “Sorri” e “Parou de correr” aumentaram na fase 2, para os três grupos de crianças tímidas.

Os resultados obtidos na fase 1, em que as crianças estiveram perante uma situação de interação com menos condicionamento, revelaram maior interação das crianças com os adultos, uma vez que apresentam a categoria “Procurou a ajuda do adulto”. Ao contrário do que aconteceu na fase 2, em que a situação de jogo possuiu mais condicionamento e onde os valores dessa categoria aumentaram, o que permite constatar que este grau de timidez, independentemente de existirem ou não condicionamentos, interage sempre com o adulto.

De uma forma geral, podemos constatar que o número de categorias de comportamento aumentou da primeira para a segunda fase, em todos os grupos de timidez. O que nos permite refletir que a situação de jogo pode, progressivamente, induzir desinibição nas crianças.

Nesta discussão consideramos pertinente debruçarmo-nos sobre os valores obtidos no desvio-padrão, sendo que o fato: i) do instrumento utilizado (i.e., grelha de observação) procurar refletir os itens correspondentes à escala de timidez e não se focar sobre outros comportamentos que ocorrem natural e repetidamente em situação de jogo (e.g., correr) pode ter tido um efeito redutor do número de ocorrências total; Esta é de não termos repetido a implementação da sessão didática foi prejudicial, pois julgamos que se tivéssemos aumentado o número de implementações e consequentemente de ocorrências, poderíamos obter valores diferentes. De igual modo, conjecturamos que o procedimento que utilizámos para formar os três grupos de timidez não tenha sido o mais adequado e possa ter influenciado o fato dos desvios-padrão se apresentarem elevados.

No início da investigação, tínhamos idealizado algumas hipóteses de resultados, nomeadamente no grupo com grau mais elevado de timidez (grupo 3) seria aquele em que o jogo tinha provocado mais interação, no entanto, ao analisar as figuras 1 e 2 verificámos que o resultado não foi ao encontro da hipótese apontada. Uma razão que apontamos para o sucedido, foi o fato de não termos repetido a implementação da sessão didática nenhuma vez, pois julgamos que se tivéssemos aumentado o número de repetições e consequentemente de observações da sessão, poderíamos obter valores diferentes.

Conclusões finais

Tendo em consideração as questões e os objetivos delineados para esta investigação, concluímos que crianças com níveis de timidez diferentes parecem adotar comportamentos diferentes em situação de jogo. Nomeadamente, podemos constatar que as crianças pertencentes ao grupo com maior grau de timidez (grupo 3) apresentaram comportamentos distintos daquelas que pertencem ao grupo com menor grau de timidez (grupo 1). Relativamente ao nosso objetivo de verificar se situações de interação com graus de liberdade diferentes permitiriam melhor distinguir os comportamentos das crianças em função do grupo de timidez, constatamos que as crianças com diferentes graus de timidez parecem ter sido de facto influenciadas nos seus comportamentos pelos condicionamentos colocados nas diferentes fases do jogo. De um modo geral, verificamos que em situação de jogo com mais condicionamento as categorias de comportamento reveladoras de interação são menos evidentes no grupo com maior grau de timidez (grupo 3), ao contrário do grupo com menor grau de timidez (grupo 1) que revelou comportamentos de interação em ambas as fases.

Limites e relevância do estudo

No decorrer da investigação foram vários os limites com que nos deparámos, nomeadamente, o fato dos encarregados de educação não nos terem devolvido os questionários na sua totalidade, mesmo tendo sido lembrado o prazo de entrega e ter sido solicitado após esse prazo, novamente a entrega dos questionários.

Para além disso, aquando da pesquisa bibliográfica realizada sobre o tema escolhido verificámos que, dos poucos dos estudos existentes, estes não incidiam sobre a faixa etária em estudo e não relacionavam as duas temáticas em questão.

Durante a realização do teste de filmagem também nos defrontámos com algumas limitações, nomeadamente o local onde a câmara poderia ser colocada para que pudesse captar o maior espaço possível e ainda, o reduzido espaço que podíamos utilizar para a dinamização da sessão didática.

O número de vezes que foi implementada a sessão também foi uma limitação pois sentimos dificuldades em conciliar o período de tempo que tínhamos disponível com o horário disponível do ginásio e com as rotinas do grupo de crianças. Por este motivo, ocorreu apenas uma implementação que permitiu analisar um número reduzido de ocorrências, tornando assim mais difícil responder de forma fiável às questões de partida

definidas e impossibilitando efetuar outro tipo de distribuição das crianças pelos grupos de timidez.

Pistas de trabalho e ação

Tendo presente os resultados obtidos com esta investigação, parece-nos relevante expor algumas pistas de trabalho que poderão enriquecer e dar continuidade a esta investigação.

Consideramos que seria interessante aumentar o número da amostra, de maneira a que obtivéssemos grupos de timidez mais consistentes e por conseguinte resultados eventualmente diferentes.

Julgamos pertinente implementar a sessão didática várias vezes, de modo a que seja possível verificar se as crianças que inicialmente eram mais tímidas, progressivamente, possam vir a diminuir os seus níveis de timidez. Ainda sobre a sessão didática, parece-nos também que seria oportuno considerar outros comportamentos (e.g., comportamentos representativos de jogo) e não somente comportamentos representativos da timidez.

Contributos do estudo em termos pessoais e profissionais

Este relatório contribuiu para complementar todo um processo de aprendizagem e desenvolvimento que ocorreu durante a realização do mestrado em educação pré-escolar, especificamente da PES. A realização deste estudo, contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e profissional na medida em que permitiu adquirir algumas competências no âmbito da investigação, possibilitou também a compreensão do modo como se desenvolvem investigações e experienciar todas as fases de um processo investigativo. É de salientar que todo este processo tornou ainda mais evidente o papel fundamental do educador de infância no desenvolvimento social das crianças na medida em que este deve desenvolver uma atitude crítica sobre diferentes temáticas e procurar adequar a sua prática pedagógica a todas as crianças, tendo em vista o desenvolvimento global de cada uma delas.

Apesar, de uma forma geral, conhecermos alguns aspetos relacionados com a timidez e com o jogo considero que esta investigação nos permitiu estar cientes de que a timidez é um aspeto que pode influenciar o desenvolvimento das crianças a todos os níveis assim como consciencializar para a importância que os jogos possuem na educação pré-escolar, nomeadamente no desenvolvimento social, na aquisição de competências

sociais e na interação entre pares, seja entre criança/criança ou entre criança/adulto. Os resultados do presente estudo permitiram verificar que o grupo que apresenta maior grau de timidez demonstrou (mesmo que em pouca quantidade) alguns comportamentos de interação que habitualmente, em situações em contexto de sala, as crianças deste grupo não demonstram.

Referências Bibliográficas

- Alencar, E. (2007). *As relações interpessoais entre professores e alunos mediando histórias de fracasso escolar: um estudo do cotidiano de uma sala de aula*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Educação, Brasil.
- Almeida, A. (s.d.). *A Influência da Família e da Televisão na Alimentação das Crianças do 4º ano do Concelho de Vila Nova de Gaia*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Ciências do Consumo Alimentar, Universidade Aberta, Porto.
- Anguera, M. (1989). *Metodologia de la observacion en las ciencias humanas* (4ª ed.). Madrid: Ediciones Cátedra.
- Azevedo, C., & Azevedo, A. (1998). *Metodologias de investigação: contributos práticos para a elaboração de trabalhos académicos*. Universidade Católica.
- Bartholomeu, D. (2005). Traços de personalidade e características emocionais de crianças. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 6, n.º2, pp. 11-21.
- Bergeron, M. (1982). *O Desenvolvimento Psicológico da Criança da primeira Infância à Adolescência*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologias de investigação. Guia para auto-aprendizagem* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, C., & Serrão, M. (2011). O que dizem os educadores de infância sobre o jogo. *Revista Ibero-americana de Educação*, 55/5.
- Carvalho, R. (2006). Isolamento social nas crianças: propostas de intervenção cognitivo-comportamental. *Revista Iberoamericana de Educación*, n.º40.
- Casares, M., & Caballo, V. (2008). A timidez Infantil. Em E. Silvares, *Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil* (5ª ed., Vol. II, pp. 11-42). Brasil: Papyrus.
- Chateau, J. (1987). *O jogo e a criança* (3ª ed.). São Paulo: Summus editorial.

- Cheek, J., & Buss, A. (1981). Shyness and sociability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 330-339. Obtido em 25 de Setembro de 2014, de <http://espectroautista.info/tests/sociabilidad/habilidades-sociales/RCBS13>
- Duarte, J. (2009). *O jogo e a criança*. Relatório de Mestrado em Ciências da Educação, especialidade de supervisão pedagógica, Portugal.
- Esteves, J. (s/d). As atividades de expressão físico-motora no desenvolvimento da personalidade. Obtido em 29 de Setembro de 2014, de <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium31/16.pdf>
- Felix, T. (2013). *Timidez na escola: um estudo histórico-cultural*. Programa de pós-graduação em educação, Campus de Presidente Prudente - Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Brasil.
- Felix, T., & Filho, I. (s.d.). A timidez na escola: a educação física infantil como atividade imprescindível na sociabilidade da criança.
- Fortin, M. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Gesell, A. (1979). *A criança dos 0 aos 5 anos: o bebé e a criança na cultura dos nossos dias*. Lisboa: Dom Quixote.
- Júnior, L. (s.d.). Análise da influência de timidez em aulas de Química. Obtido em 29 de Setembro de 2014, de <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0452-1.pdf>
- Ketele, J., & Roegiers, X. (1993). *Metodologia da recolha de dados. Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Klein, V., & Linhares, M. (2010). Temperamento e desenvolvimento da criança: revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Estudo*, 15, n.º4, pp. 821-829.
- Lopes, A. (2011). *Estudo das Qualidades Psicométricas do Children Behavior Questionnaire (CBQ) para Avaliação do Temperamento de Crianças Portuguesas entre os 3 e os 5 anos*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em psicologia, Portugal.

- Marques, D. (2014). *O jogo no desenvolvimento da criança disléxica*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Ciências da Educação na especialidade de Educação Especial, Portugal.
- Monteiro, J. (1990). Jogo e desenvolvimento psicológico da criança. *Revista Educação e Tecnologia*, n.º6, pp. 43-51.
- Perez, J., & Dias, M. (2011). Crianças tímidas: aprendizagem da criança tímida e sua relação nos aspetos sócio afetivo. *Revista Eventos Pedagógicos: Relatos de Experiências*, 2, pp. 102-111. Obtido em 08 de Março de 2014, de <http://www.sinop.unemat.br>
- Santos, C., & Zuse, A. (2001). Timidez um mal que atua em silêncio. *Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Sociais e Humanas, Volume II (nº1)*, pp. 111-123.
- Serrão, E. (2009). *O educador de Infância e o Jogo no Desenvolvimento da Criança*. Dissertação para obtenção de grau de mestre em Educação, Departamento de Educação - Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Spodek, B., & (Org.). (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wilkens, N., Valiente, C., Swanson, J., & Chalfant, K. (2014). Children's shyness, popularity, school liking, cooperative participation, and internalizing problems in the early school years. *Early Childhood Research Quarterly*, 29, 85-94. Obtido de www.sciencedirect.com
- Yudina, E. (2009). A abordagem histórico-cultural de Lev Vigotsky. *Redescobrir Vigotsky*, n.º77, pp. 4-5.
- Zimbardo, P. (2002). *A Timidez*. Lisboa: Edições 70.

Apêndice

Apêndice 1 - Pedido de colaboração dirigido aos Encarregados de Educação

Pedido de colaboração - Questionário *Children Behavior Questionnaire* (CBQ)

Caros Encarregados de Educação,

Serve o presente comunicado, para solicitar a vossa colaboração no âmbito do meu relatório de estágio que se intitula «O jogo e a timidez em crianças em idade pré-escolar». Este tem como objetivo caracterizar o comportamento das crianças tímidas e não tímidas em situação de jogo. Neste sentido, solicito que preencham o questionário em anexo, de forma a que seja possível realizar a recolha dos dados. Informo que os dados são confidenciais, o que significa que cada encarregado de educação, se pretender, poderá ter acesso apenas aos resultados do seu educando. Mais se informa que, sempre que seja necessário referir alguma criança no relatório, serão usados nomes fictícios de modo a que estas não sejam identificadas.

O questionário é composto por 94 questões sobre algumas dimensões do temperamento das crianças, incluindo a timidez.

Data de entrega dos questionários: 08 de Junho.

Obrigada!

Com os melhores cumprimentos,

A estagiária,

(Regina Valente)

8. Chora tristemente quando perde ou quando se parte um dos seus bonecos preferidos.

1 2 3 4 5 6 7 NA

9. Fica bastante desconfortável quando está com frio ou está molhado(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA

20. Tende a ficar triste se os planos da família não resultam.

1 2 3 4 5 6 7 NA

21. Muda de uma tarefa para outra sem completar nenhuma delas.

1 2 3 4 5 6 7 NA

22. Move-se ativamente (corre, sobe às coisas, salta) quando está a brincar em casa.

1 2 3 4 5 6 7 NA

23. Tem medo de barulhos intensos.

1 2 3 4 5 6 7 NA

24. Parece ouvir sons mesmo que muito calmos.

1 2 3 4 5 6 7 NA

25. Tem dificuldade em acalmar-se depois de uma atividade excitante

1 2 3 4 5 6 7 NA

26. Gosta de tomar banhos quentes.

1 2 3 4 5 6 7 NA

27. Parece ficar deprimido(a) quando não é capaz de completar uma tarefa.

1 2 3 4 5 6 7 NA

28. Precipita-se frequentemente para novas situações.

1 2 3 4 5 6 7 NA

29. Fica muito perturbado(a) com um pequeno corte ou ferida.

1 2 3 4 5 6 7 NA

39. Gosta de se aconchegar junto dos pais ou de quem cuida dele(a).

17. Tem medo de ladrões ou do “bicho papão”.

1 2 3 4 5 6 7 NA

18. Quando está na rua senta-se muito sossegado.

1 2 3 4 5 6 7 NA

19. Diverte-se com histórias engraçadas, mas não costuma rir-se delas.

1 2 3 4 5 6 7 NA

30. Fica muito frustrado(a) quando não lhe deixam fazer alguma coisa que ele(a) quer.

1 2 3 4 5 6 7 NA

31. Fica aborrecido(a) quando parentes ou amigos de quem gosta se preparam para ir embora depois de uma visita.

1 2 3 4 5 6 7 NA

32. Faz comentários quando um dos pais muda sua aparência.

1 2 3 4 5 6 7 NA

33. Desfruta de atividades como brincar à apanhada ou fazer o avião, etc.

1 2 3 4 5 6 7 NA

34. Quando está zangado com qualquer coisa tende a ficar aborrecido(a) durante dez minutos ou mais.

1 2 3 4 5 6 7 NA

35. Não tem medo do escuro.

1 2 3 4 5 6 7 NA

36. Demora muito tempo na aproximação a novas situações.

1 2 3 4 5 6 7 NA

37. Por vezes é envergonhado(a) mesmo com pessoas que conhece há muito tempo.

1 2 3 4 5 6 7 NA

38. Consegue esperar para começar atividades novas quando lhe é dito para esperar.

1 2 3 4 5 6 7 NA

1 2 3 4 5 6 7 NA

40.Fica zangado(a) quando não encontra algo com que quer brincar.

1 2 3 4 5 6 7 NA

41.Tem medo do fogo.

1 2 3 4 5 6 7 NA

42.Por vezes parece nervoso(a) quando fala com adultos

que acabou de conhecer.

1 2 3 4 5 6 7 NA

43.É lento(a) e não tem pressa em decidir o que fazer a seguir.

1 2 3 4 5 6 7 NA

44.Em poucos minutos deixa de estar zangado e passa a sentir-se melhor

1 2 3 4 5 6 7 NA

45.Prepara-se para as viagens ou para um passeio, planeando as coisas de que necessitará.

1 2 3 4 5 6 7 NA

46.Fica muito excitado(a) enquanto se prepara para as viagens.

1 2 3 4 5 6 7 NA

47.Fica rapidamente atento(a) para qualquer novo elemento ou objeto na sala.

1 2 3 4 5 6 7 NA

48.Fica muito excitado(a) antes de uma saída (por ex., piquenique, festa, etc.).

1 2 3 4 5 6 7 NA

49.Fica rapidamente atento(a) para qualquer novo elemento ou objeto na sala.

1 2 3 4 5 6 7 NA

50.Se está aborrecido(a), rapidamente se põe bem disposto(a), pensando numa outra coisa.

1 2 3 4 5 6 7 NA

51.Sente-se à vontade em pedir a outras crianças para brincar.

1 2 3 4 5 6 7 NA

52.Raramente dá gargalhadas durante a brincadeira com outras crianças.

1 2 3 4 5 6 7 NA

53.Não fica muito perturbado(a) com cortes ou feridas menores.

1 2 3 4 5 6 7 NA

54.Prefere atividades calmas a jogos ativos.

1 2 3 4 5 6 7 NA

55.Tende a dizer a primeira coisa que lhe vem à cabeça, sem parar para pensar sobre isso.

1 2 3 4 5 6 7 NA

56.Age de forma envergonhada perante novas pessoas.

1 2 3 4 5 6 7 NA

57.Tem dificuldade em permanecer sentado(a) quando lhe é dito para o fazer (em cinemas, igreja, etc.).

1 2 3 4 5 6 7 NA

58.Raramente chora quando ouve uma história triste.

1 2 3 4 5 6 7 NA

59.Por vezes sorri ou ri-se quando brinca sozinho(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA

60.Raramente fica perturbado(a) quando vê um acontecimento triste num programa de televisão.

1 2 3 4 5 6 7 NA

48.Raramente dá gargalhadas durante a brincadeira com outras crianças.

1 2 3 4 5 6 7 NA

49.Não fica muito perturbado(a) com cortes ou feridas menores.

1 2 3 4 5 6 7 NA

50.Prefere atividades calmas a jogos ativos.

1 2 3 4 5 6 7 NA

51.Tende a dizer a primeira coisa que lhe vem à cabeça, sem parar para pensar sobre isso.

1 2 3 4 5 6 7 NA

52.Age de forma envergonhada perante novas pessoas.

1 2 3 4 5 6 7 NA

53.Tem dificuldade em permanecer sentado(a) quando lhe é dito para o fazer (em cinemas, igreja, etc.).

1 2 3 4 5 6 7 NA

54.Raramente chora quando ouve uma história triste.

1 2 3 4 5 6 7 NA

55.Por vezes sorri ou ri-se quando brinca sozinho(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA

56.Raramente fica perturbado(a) quando vê um acontecimento triste num programa de televisão.

1 2 3 4 5 6 7 NA

57.Tem dificuldade em permanecer sentado(a) quando lhe é dito para o fazer (em cinemas, igreja, etc.).

1 2 3 4 5 6 7 NA

58.Raramente chora quando ouve uma história triste.

1 2 3 4 5 6 7 NA

59.Por vezes sorri ou ri-se quando brinca sozinho(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA

60.Raramente fica perturbado(a) quando vê um acontecimento triste num programa de televisão.

1 2 3 4 5 6 7 NA

61.Por vezes sorri ou ri-se quando brinca sozinho(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA

62.Raramente fica perturbado(a) quando vê um acontecimento triste num programa de televisão.

1 2 3 4 5 6 7 NA

63.Por vezes sorri ou ri-se quando brinca sozinho(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA

64.Raramente fica perturbado(a) quando vê um acontecimento triste num programa de televisão.

1 2 3 4 5 6 7 NA

65.Por vezes sorri ou ri-se quando brinca sozinho(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA

66.Raramente fica perturbado(a) quando vê um acontecimento triste num programa de televisão.

1 2 3 4 5 6 7 NA

67.Por vezes sorri ou ri-se quando brinca sozinho(a).

1 2 3 4 5 6 7 NA

68.Raramente se assusta com “monstros” que vê nos filmes.

1 2 3 4 5 6 7 NA

61. Raramente fica chateado(a) quando lhe é dito para ir para a cama.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
62. Quando está a desenhar ou a colorir um livro mostra uma grande concentração.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
63. Tem medo do escuro.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
64. É provável que chore mesmo quando a dor é pequena.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
65. Gosta de ver livros com figuras.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
66. É fácil de acalmar quando está perturbado(a).	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
67. Compreende as instruções dadas.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
78. Não gosta de jogos duros e barulhentos.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
79. Muitas vezes dá gargalhadas quando brinca com outras crianças.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
80. Raramente se ri alto enquanto vê televisão ou comédias televisivas.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
81. Pode facilmente parar uma atividade quando lhe é dito “não”.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
82. É das últimas crianças a experimentar uma nova atividade.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
69. Quando está num baloiço gosta de ir depressa e alto.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
70. Por vezes afasta-se de forma envergonhada quando conhece pessoas novas.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
71. Fica muito envolvido(a) com o que está a fazer trabalhando durante longos períodos de tempo.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
72. Gosta que cantem para ele(a).	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
73. Aproxima-se com cuidado e devagar de lugares quando lhe foi dito que são perigosos.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
74. Raramente fica desencorajado(a) quando tem dificuldades em fazer algo funcionar.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
75. É muito difícil de acalmar quando está perturbado(a).	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
76. Gosta do som das palavras, como ouvir rimas e canções infantis	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
77. Sorri muito para as pessoas de quem gosta.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
87. Fica zangado(a) quando é interrompido(a) durante a sua brincadeira antes de a terminar.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
88. Gosta de andar de triciclo ou de bicicleta de forma imprudente ou rápida.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
1 2 3 4 5 6 7 NA	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____

83. Geralmente não nota odores de perfumes, de tabaco, de cozinhados, etc.

1 2 3 4 5 6 7 NA
 | | | | | | | |

84. Distrai-se facilmente quando está a ouvir uma história.

1 2 3 4 5 6 7 NA
 | | | | | | | |

85. Tem muita energia, mesmo à noite.

1 2 3 4 5 6 7 NA
 | | | | | | | |

86. Gosta de se sentar ao colo dos pais.

1 2 3 4 5 6 7 NA
 | | | | | | | |

89. Por vezes fica absorvido(a) com a ilustração de um livro ficando a olhar durante muito tempo.

1 2 3 4 5 6 7 NA
 | | | | | | | |

90. Mantém-se calmo(a) enquanto espera por uma sobremesa, por exemplo, um gelado

1 2 3 4 5 6 7 NA
 | | | | | | | |

91. Dificilmente se queixa quando está doente com uma constipação.

1 2 3 4 5 6 7 NA
 | | | | | | | |

92. Espera ansiosamente para passear com a família mas não fica muito excitado(a) com isso.

1 2 3 4 5 6 7 NA
 | | | | | | | |

93. Gosta de se sentar silenciosamente e ver as pessoas a fazerem coisas.

1 2 3 4 5 6 7 NA
 | | | | | | | |

94. Gosta de atividades rítmicas calmas como por exemplo balancear-se.

1 2 3 4 5 6 7 NA
 | | | | | | | |

Anexo 2 - Escalas e itens do CBQ baseado de Almeida (s/d)

Escalas	Itens correspondentes
Nível de atividade	1.Parece estar sempre com muita pressa para ir de um lado para outro. 12.Tende a correr em vez de andar de sala para sala. 18.Quando está na rua senta-se muito sossegado. 22.Move-se ativamente (corre, sobe às coisas, salta) quando está a brincar em casa. 50.Prefere atividades calmas a jogos ativos. 85.Tem muita energia, mesmo à noite. 93.Gosta de se sentar silenciosamente e ver as pessoas a fazerem coisas.
Irritação/frustração	2.Fica zangado quando lhe é dito para ir para a cama. 14.Faz birras quando não consegue o que quer. 30.Fica muito frustrado(a) quando não lhe deixam fazer alguma coisa que ele(a) quer. 40.Fica zangado(a) quando não encontra algo com que quer brincar. 61.Raramente fica chateado(a) quando lhe é dito para ir para a cama. 87.Fica zangado(a) quando é interrompido(a) durante a sua brincadeira antes de a terminar.
Aproximação/Entusiasmo	6.Fica tão entusiasmado(a) antes de um acontecimento empolgante que tem dificuldade em manter-se quieto(a). 15.Mostra-se muito entusiasmado com as coisas que faz. 46.Fica muito excitado(a) enquanto se prepara para as viagens. 58.Fica muito excitado(a) antes de uma saída (por ex., piquenique, festa, etc.). 90.Mantém-se calmo(a) enquanto espera por uma sobremesa, por exemplo, um gelado 92.Espera ansiosamente para passear com a família mas não fica muito excitado(a) com isso.
Foco Atencional	16.Quando está a realizar uma atividade tem dificuldade em manter-se concentrado(a) 21.Muda de uma tarefa para outra sem completar nenhuma delas. 62.Quando está a desenhar ou a colorir um livro mostra uma grande concentração. 71.Fica muito envolvido(a) com o que está a fazer trabalhando durante longos períodos de tempo. 84.Distrai-se facilmente quando está a ouvir uma história. 89.Por vezes fica absorvido(a) com a ilustração de um livro ficando a olhar durante muito tempo.
Desconforto	3.Não fica muito incomodado com a dor. 9.Fica bastante desconfortável quando está com frio ou está molhado(a). 29.Fica muito perturbado(a) com um pequeno corte ou ferida. 49.Não fica muito perturbado(a) com cortes ou feridas menores. 64.É provável que chore mesmo quando a dor é pequena. 91.Difícilmente se queixa quando está doente com uma constipação.
Sensibilidade/Limiar de resposta	25.Tem dificuldade em acalmar-se depois de uma atividade excitante 34.Quando está zangado com qualquer coisa tende a ficar aborrecido(a) durante dez minutos ou mais. 44.Em poucos minutos deixa de estar zangado e passa a sentir-se melhor 59.Se está aborrecido(a), rapidamente se põe bem disposto(a), pensando numa outra coisa. 66.É fácil de acalmar quando está perturbado(a). 75.É muito difícil de acalmar quando está perturbado(a).
Medo	17.Tem medo de ladrões ou do “bicho papão”. 23.Tem medo de barulhos intensos. 35.Não tem medo do escuro. 41.Tem medo do fogo. 63.Tem medo do escuro.

	68.Raramente se assusta com “monstros” que vê nos filmes.
Elevada Intensidade de prazer	4.Gosta de descer em escorregas ou de realizar outras atividades aventureiras. 10.Gosta de brincar de uma forma tão arriscada ou imprudente que pode aleijar-se. 33.Desfruta de atividades como brincar à apanhada ou fazer o avião, etc. 69.Quando está num baloiço gosta de ir depressa e alto. 78.Não gosta de jogos duros e barulhentos. 88.Gosta de andar de triciclo ou de bicicleta de forma imprudente ou rápida.
Impulsividade	7.Geralmente precipita-se para uma atividade sem pensar. 28.Precipita-se frequentemente para novas situações. 36.Demora muito tempo na aproximação a novas situações. 43.É lento(a) e não tem pressa em decidir o que fazer a seguir. 51.Tende a dizer a primeira coisa que lhe vem à cabeça, sem parar para pensar sobre isso. 82.É das últimas crianças a experimentar uma nova atividade.
Controlo Inibido	38.Consegue esperar para começar atividades novas quando lhe é dito para esperar. 45.Prepara-se para as viagens ou para um passeio, planeando as coisas de que necessitará. 53.Tem dificuldade em permanecer sentado(a) quando lhe é dito para o fazer (em cinemas, igreja, etc.). 67.Compreende as instruções dadas. 73.Aproxima-se com cuidado e devagar de lugares quando lhe foi dito que são perigosos. 81.Pode facilmente parar uma atividade quando lhe é dito “não”.
Baixa intensidade de prazer	26.Gosta de tomar banhos quentes. 39.Gosta de se aconchegar junto dos pais ou de quem cuida dele(a). 57.Gosta quando conversam com ele(a). 65.Gosta de ver livros com figuras. 72.Gosta que cantem para ele(a). 76.Gosta do som das palavras, como ouvir rimas e canções infantis 86.Gosta de se sentar ao colo dos pais. 94.Gosta de atividades rítmicas calmas como por exemplo balancear-se.
Sensibilidade percetiva	5.Quando toca nos objetos nota a suavidade ou aspereza 13.Repara quando os pais vestem roupas novas 24.Parece ouvir sons mesmo que muito calmos. 32.Faz comentários quando um dos pais muda sua aparência. 47.Fica rapidamente atento(a) para qualquer novo elemento ou objeto na sala. 83.Geralmente não nota odores de perfumes, de tabaco, de cozinhados, etc.
Tristeza	8.Chora tristemente quando perde ou quando se parte um dos seus bonecos preferidos. 20.Tende a ficar triste se os planos da família não resultam. 27.Parece ficar deprimido(a) quando não é capaz de completar uma tarefa. 31.Fica aborrecido(a) quando parentes ou amigos de quem gosta se preparam para ir embora depois de uma visita. 54.Raramente chora quando ouve uma história triste. 56.Raramente fica perturbado(a) quando vê um acontecimento triste num programa de televisão. 74.Raramente fica desencorajado(a) quando tem dificuldades em fazer algo funcionar.

Timidez	11.Parece estar à vontade com quase todas as pessoas. 37.Por vezes é envergonhado(a) mesmo com pessoas que conhece há muito tempo. 42.Por vezes parece nervoso(a) quando fala com adultos que acabou de conhecer. 52.Age de forma envergonhada perante novas pessoas. 60.Sente-se à vontade em pedir a outras crianças para brincar. 70.Por vezes afasta-se de forma envergonhada quando conhece pessoas novas.
Sorrisos/gargalhadas	19.Diverte-se com histórias engraçadas, mas não costuma rir-se delas. 48.Raramente dá gargalhadas durante a brincadeira com outras crianças. 55.Por vezes sorri ou ri-se quando brinca sozinho(a). 77.Sorri muito para as pessoas de quem gosta. 79.Muitas vezes dá gargalhadas quando brinca com outras crianças. 80.Raramente se ri alto enquanto vê televisão ou comédias televisivas.
